PLACAR
Abril
RESPEITE A FAMÍLIA
FELIPÃO, AOS 72 ANOS, VOLTA A SER O PAIZÃO DO GRÊMIO
EUROPA
AS JOVENS PROMESSAS PARA FICAR DE OLHO
PSICOLOGIA
A CIÊNCIA DA DISPUTA DE PÊNALTIS
O BI DE OURO
E QUEM DISSE QUE NÃO HÁ RENOVAÇÃO NO FUTEBOL BRASILEIRO? LIDERADA PELO CARISMÁTICO GOLEADOR RICHARLISON, A SELEÇÃO VENCEU A OLIMPÍADA DE TÓQUIO PARA PAVIMENTAR UM FUTURO ESPERANÇOSO

"Para esclarecer suas dúvidas e despertar sua curiosidade."
Para assistir agora, aponte a câmera do seu celular para o código ao lado.

O FIM DE UMA ERA

Há jogadores que marcam época, e PLACAR sempre tratou de tê-los em capas e reportagens especiais. Lá no início da década de 70, seguimos os derradeiros toques de Pelé dentro de campo. Depois vieram Zico, Roberto Dinamite, Sócrates e Falcão. A geração de Romário, o apogeu de Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, até desaguar em Neymar. Entre os europeus, ninguém foi tão predominante quanto Lionel Messi — sem dúvida alguma, o grande totem do futebol global nos últimos quinze anos. Para além dos gols e da genialidade com a bola nos pés, tudo o que Messi faz (ou deixa de fazer) interessa. Na revista de outubro de 2020, convidamos o autor mexicano radicado na Catalunha Juan Villoro a escrever um texto exclusivo em torno da confusão em que se metera o canhotinha, que quis ir embora do Barça, "mas se viu atropelado pela realidade nua e crua das regras do mercado — e ficou!", como estampava a manchete de capa. Nas palavras de Villoro: "O melhor jogador do mundo não merecia sair do Barcelona com o clube em ruidoso desmanche. A tragédia é que ficar seria ainda pior para ele. E foi isso o que aconteceu".

E, então, às vésperas da conclusão da edição que você tem em mãos, veio a bomba: sim, agora Messi deve mesmo partir. O próprio presidente da agremiação, Joan Laporta, deu a notícia. De modo a respeitar as normas do "fair play financeiro" imposto pela Liga Espanhola, a equipe catalã precisaria reduzir drasticamente o salário de seu maior ídolo e artilheiro — eis a explicação oficial. Daí o fim do contrato. E o fim de uma era do futebol, porque Messi e a camisa 10 azul e grená são retrato de um tempo. PLACAR continua com Messi, não pretende perdê-lo de vista, ao contrário — e o acompanhará no novo time, que até o domingo 8 de agosto permanecia desconhecido.

***

A partir das próximas páginas, antes de entrar no futebol de ouro em Tóquio, a paixão irrefreável de PLACAR, prestamos homenagem

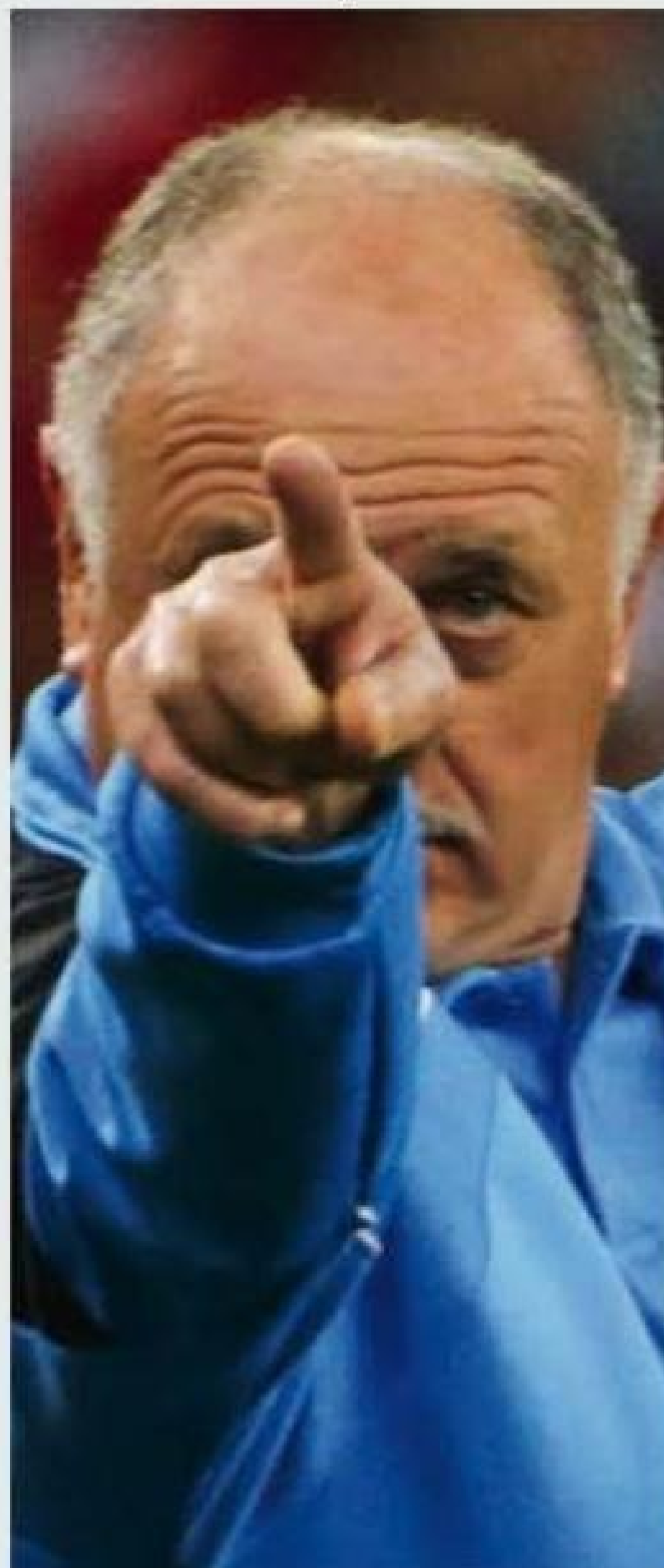
CAPA: TIZIANA FABI/AFP

Messi chora na despedida: desde 2003 na história do Barça, como mostrou PLACAR em 2020

PAU BARRENA/AFP

à linda participação das mulheres na Olimpíada. Os Jogos de 2020, adiados em um ano em decorrência da pandemia, serão para sempre lembrados pela corajosa postura da americana Simone Biles, que pôs sua saúde mental à frente das medalhas, e pelos resultados magníficos como os de Rebeca Andrade e Rayssa Leal. ■

PRORROGAÇÃO

YASUYOSHI CHIBA/AFP

Eu quero que me respeitem: de volta ao Grêmio, para provar que ainda tem carreira de sucesso pela frente

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/ Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Alessandro Giannini, Guilherme Azevedo, Klaus Richmond e Luca Castilho (reportagem)
www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade) (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento, Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços, Regionais e Governo). **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux Martinelli **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO** Carlos Nogueira **GERÊNCIA DE MARKETING** Thais Rodrigues Rocha **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO E VÍDEO** João Pedro Maya **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DEDOC E ABRILPRESS** Pandia Mendes de França

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1478 (789 3614 11176 6), ano 51, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

O FUTURO É FEMININO

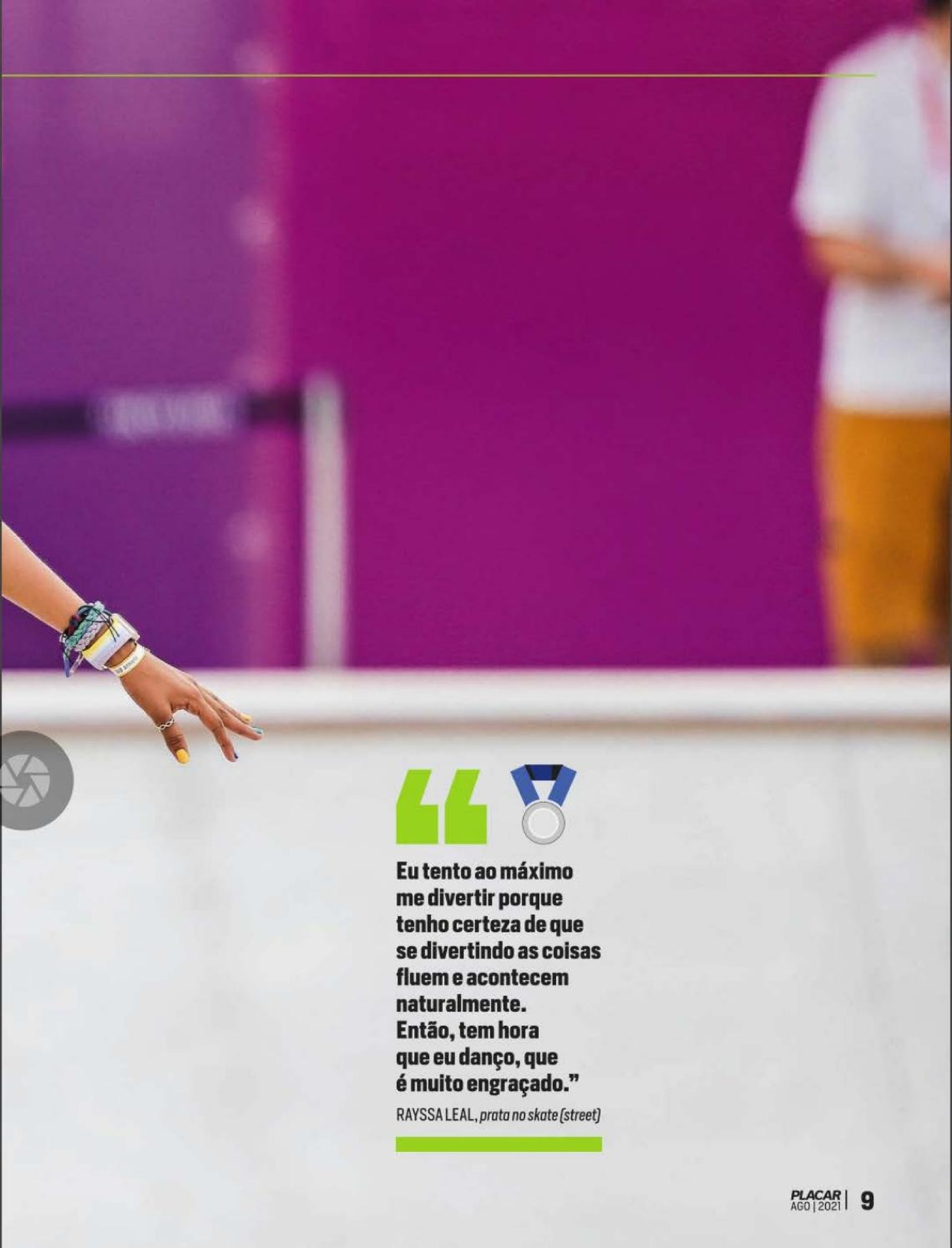
Os Jogos de Tóquio serão lembrados pela fenomenal participação das mulheres

O Brasil saiu da Olimpíada de Tóquio com 21 medalhas — duas a mais do que em 2016. Foram sete de ouro, seis de prata e oito de bronze. Há cinco anos, igual quantidade de ouro e prata, mas dois bronzes a menos. Houve o bi de Richarlison e cia. *(leia na pág. 18)*, houve Italo Ferreira na crista da onda. Houve o cruzado de esquerda de Hebert Conceição e os 400 metros com barreiras de Alison dos Santos, com o terceiro lugar na mais espetacular prova do atletismo no Japão. Isaquias Queiroz brilhou. Mas nada representou mais os Jogos da pandemia, que apesar de tudo foram espetaculares, do que as mulheres. Elas fizeram sucesso no esporte e na defesa de seus direitos, como mostram as fotografias selecionadas por PLACAR.

LOIC VENANCE/AFP

"Gente, eu não sei nem o que dizer. Não foram meus melhores saltos. Tanto que eu saí falando assim: "Aí, não foi muito bom". Só que isso é ginástica, né? Isso acontece. Isso é do esporte."

REBECA ANDRADE, *ouro no salto e prata no individual geral da ginástica artística*

WANDER ROBERTO/COB

Eu tento ao máximo me divertir porque tenho certeza de que se divertindo as coisas fluem e acontecem naturalmente. Então, tem hora que eu danço, que é muito engraçado.”

RAYSSA LEAL, *prata no skate (street)*

A mulher pode ser o que ela quiser, onde quiser, na hora que quiser. O que a gente vem recebendo de ajuda e igualdade representa muito e faz diferença nas medalhas do Brasil."

ANA MARCELA CUNHA,
ouro na maratona aquática

JONNE RORIZ/COB

SOFFIATTI G EL
KUNZE
TOKYO 2020
NORTH SAILS

“Há meninas que já com a nossa primeira medalha, no Rio, em 2016, abriram o horizonte, e é isso que a gente quer.”

MARTINE GRAEL e KAHENA KUNZE, *ouro na vela*

Hoje eu garanti a mãe de todas elas, a medalha olímpica, mas agora vou em busca de mudar a cor dela.”

Beatriz Ferreira, prata no peso-leve do boxe, ao garantir lugar na semifinal e, portanto, o bronze que realmente ganharia outra tonalidade

MIRIAM JESKE/COB

Acho que a saúde mental é mais importante nos esportes neste momento. Temos que proteger nossa mente e nosso corpo e não apenas sair e fazer o que o mundo quer que façamos.”

SIMONE BILES, *bronze na trave*

LOIC VENANCE/AFP

É BOLA NA REDE E NAS REDES SOCIAIS

O camisa 10 do bicampeonato olímpico de Tóquio sai dos Jogos maior do que entrou — e com o carisma de quem sabe dividir os gols com presença sempre engraçada e positiva na internet, uma rara voz consciente

Luiz Felipe Castro

Para quem achava que o futuro do futebol brasileiro andava um tanto morno, carente de esperanças e promessas, o bicampeonato olímpico em Tóquio, ao vencer a Espanha na prorrogação por 2 a 1, serviu de reparação. O Brasil fez o que dele se esperava e, uma vez mais, pôs o nome da canarinho nas enciclopédias do esporte. Os gols de Matheus Cunha e Malcom coroaram uma campanha convincente. Na primeira fase, goleou a Alemanha por 4 a 2; fez 3 a 1 na Arábia Saudita e empatou em 0 a 0 com a Costa do Marfim. Venceu o Egito por 1 a 0 nas quartas. Eliminou o México nos pênaltis, depois de 0 a 0 no tempo regulamentar e prorrogação. Marcou dez gols e levou quatro. Daniel Alves, o mais velho da turma, de 38 anos, ganhou um dos únicos títulos que lhe faltavam — e são agora 42 em vinte anos de carreira. Mas o nome a ser lembrado, apesar da final apagada, com direito a gol perdido de pênalti *(leia a matéria na pág. 22)* é o de Richarlison, o camisa 10, artilheiro da competição, com cinco bolas na rede. Aos 24 anos, o eficiente e carismático atacante do Everton da Inglaterra sai maior do que entrou. E, fiel ao seu estilo maluco beleza, já deixou claro qual o seu próximo objetivo. "Ano que vem é no Catar, hein, careca!", avisou a ninguém menos que Gianni Infantino, o calvo presidente da Fifa, no pódio.

Nascido em Nova Venécia (ES), o jogador revelado pelo América-MG teve uma infância humilde, dura e de pouca instrução. Costumava trocar a sala de aula pelos campos de futebol, o que originou uma curiosa anedota. "Na escola reprovei até em artes... e o meu tio era o professor", contou, em 2018, arrancando risos de todos os presentes a uma entrevista coletiva da seleção brasileira. Richarlison, no entanto, é extremamente esperto e soube fazer da simplicidade com a qual se expressa (inclusive com algumas palavras em inglês à Joel Santana) o seu grande trunfo. Ele acumula mais de 4 milhões de seguidores, entre Instagram e Twitter, e domina o ambiente virtual, mesclando bom humor com engajamento social — receita perfeita para os ídolos do século XXI.

Em entrevista a PLACAR no ano passado, Richarlison admitiu levar jeito para a coisa ao falar de seu sucesso com os torcedores do Everton. "Meu sonho é me tornar ídolo do clube, vejo estátuas de ex-jogadores no Goodison Park e imagino uma minha também. Acho que tenho um carisma natural e dentro de campo dou a vida pela camisa que visto. Acho que por isso eles me amam. A dança do pombo ajudou. A criançada copia, me dá presentes. Eles têm muito carinho por mim e eu por eles." Sua devoção pela sele-

LUCAS FIGUEIREDO/CBF OFICIAL

O artilheiro dos Jogos avisou ao calvo presidente da Fifa, Infantino: “Ano que vem é no Catar, hein, careca!”

Malcom: o gol na prorrogação o transformou em herói de um difícil jogo contra a Espanha rejuvenescida

ção brasileira é ainda maior, tanto que insistiu até o fim para que o clube de Liverpool o autorizasse a disputar a Olimpíada, na vaga de Pedro, barrado pelo Flamengo. Na Vila Olímpica, o Pombo (apelido que ganhou ao comemorar seus gols com o funk da *Dança do Pombo)* divertiu seus seguidores nas redes ao flertar com Juliette, a campeã do programa *Big Brother Brasil*, ao parabenizar os medalhistas brasileiros e ao fazer uma provocação aos argentinos, eliminados na primeira fase do torneio de futebol. Contudo, ele também sabe falar sério. Nos últimos anos, realizou campanhas em favor do SUS e da vacinação contra a Covid-19 e apoiou medidas antirracistas.

"O Richarlison é um exemplo de jogador brasileiro que tem atributos muito fortes de comunicação contemporânea", diz Bruno Maia, especialista em inovação e novos negócios na indústria do esporte e sócio da agência 14. "Ele é um criador de conteúdo, um criador de tendências, um cara que tem a dança do pombo e sabe se expressar com códigos de memes, que são bem recebidas pelo público jovem de rede social." Ao se posicionar sobre a pandemia e o racismo, Richarlison mexe em um vespeiro do qual a maioria de seus colegas de profissão, sobretudo os brasileiros, prefere fugir. O atacante, porém, tem conseguido driblar a polarização política. "Ele é, ao mesmo tempo, o cara que dá dinheiro para atletas premiados em olimpíadas de Matemática, que se envolve em causas sociais e políticas e que não se furta a tomar posição — e mesmo assim não cola nele a pecha de um jogador político no sentido chato", completa Maia. Não há dúvida: é um ótimo exemplo de como usar adequadamente as redes sociais. "Não o vejo em polêmicas e sempre traz assuntos com o intuito de dias melhores, principalmente para o povo brasileiro. Os atletas em geral precisam entender que têm um poder midiático incrível", afirma Renê Salviano, fundador da agência de marketing esportivo HeatMap. Richarlison, no entanto, não age sozinho. Como todo jogador de elite, ele conta com o apoio de um staff que o orienta em relação às postagens e à melhor forma de se expressar. "Ele controla as redes dele, tem a liberdade total para postar, como foi nessa brincadeira com a Juliette, mas sempre que tem alguma dúvida sobre se pode pegar mal, ele nos pergunta. É uma pessoa muito inteligente", diz Oswaldo Botrel, assessor do atleta.

A PLACAR, Richarlison contou em 2020 que gosta de assistir a vídeos de atletas como Edmundo e Romário e, por vezes, se inspira no modo provocativo dos antigos atacantes, boquirrotos a não mais poder. Mas com parcimônia. "Hoje ele tem uma noção maior dos efeitos daquilo que fala. Se algo passa do ponto, nós falamos, mas é muito raro. Ele está cada vez mais maduro", explica Botrel. "O nosso media training é diferente, ele é um bom menino e por isso o orientamos a ser o mais natural e autêntico possível." Ricardo Dias, CEO do braço de marketing da Adventures, empresa que cuida da imagem de atletas como a skatista Leticia Bufoni, diz que essa é a estratégia correta. "A recomendação que fazemos, seja para uma marca, seja para uma pessoa, é falar a verdade, simples assim", observa. "Não tente entrar numa discussão da qual não entende nem se alavancar ancorado no contexto cultural do momento. Cada um tem

LOIC VENANCE/AFP

sua personalidade e é preciso respeitá-la. O segredo é humanizar cada vez mais a celebridade." Nada disso, no entanto, funcionaria com Richarlison sem o principal: gols. O Brasil tem, enfim, uma cara nova, um sujeito cheio de qualidades, alguns defeitos, mas com força para inaugurar o novo tempo deflagrado pelo ouro japonês.

Horas depois do bi, muito bem assessorado, consciente de que muita gente critica a existência do futebol em olimpíadas, por supostamente não combinar com o tom dos Jogos, Richarlison divulgou uma bonita carta pública, pondo os pingos nos is como talvez nenhum outro jogador brasileiro fizesse. Alguns trechos: "O resultado desse esforço quase sobre-humano de realizar os seus sonhos serão novas Rebecas, Rayssas, Alisons, Ana Marcelas, Heberts, Isaquias, Darlans, Thiagos, enfim... meninas e meninos que surgirão adiante só porque foram inspirados por cada um de vocês. Contudo, acho que o momento é de começarmos a pensar em deixar para as futuras gerações um maior investimento em esporte, desde a escola até o profissional; e de melhorar as condições para que nossos atletas possam desempenhar o melhor possível e viver daquilo que amam fazer. Passou da hora de nosso país entender que esporte não é só um cara chutando no gol ou enterrando a bola numa cesta: é bem-estar, saúde, disciplina e segurança. Nós levamos o nome do nosso país ao mais alto nível com muito orgulho, geramos exposição e rendimentos, além de representar nossa gente e nossa bandeira. Então, nada mais justo do que haver um retorno mais significativo". Definitivamente, Richarlison não é só um cara chutando no gol. ■

Daniel Alves, o veterano do São Paulo, aos 38 anos: o título que faltava na vitoriosa carreira

ANNE-CHRISTINE POUJOULAT/AFP

BATALHA PSICOLÓGICA

As disputas de pênaltis são invariavelmente cruéis. Um estudo recente mostra, contudo, que elas não são loteria — vale é o controle emocional para domar a ansiedade em momento tão crucial

Luca Castilho

Os dois times lutam, mas o placar permanece empatado. O jogo é decisivo e, com ou sem prorrogação, é preciso definir um vencedor — no caso, por pênaltis. Não há momento mais angustiante, certo? Foi assim na madrugada de 30 de julho, quando a seleção feminina do Brasil perdeu para o Canadá por 4 a 3. Marta e companhia tinham estado melhor nos 120 minutos, mas não conseguiram sair do 0 a 0. Foi triste e cruel, com doses de drama, como costumam ser as decisões por meio de penalidades máximas.

Para entender melhor o que acontece com os atletas em momento tão agudo, Geir Jordet, professor da Escola Norueguesa de Ciências do Esporte, dedicou cinco anos pesquisando os aspectos psicológicos por trás de cada cobrança.

Ele analisou todas as disputas de pênaltis em Copas do Mundo, Eurocopas e Ligas dos Campeões, de 1976 até 2021, entrevistou 25 jogadores que participaram desses momentos e chegou a conclusões interessantes e curiosas. "Nas conversas com os atletas, o sentimento que mais aparece é ansiedade", escreveu Jordet em sua conta no Twitter assim que a Itália derrotou a Espanha, a partir da marca de cal de 11 metros na semifinal da Euro, em 6 de julho. "Mas, por mais que muitos pensem e digam que as penalidades têm a ver com sorte, o estudo mostra que não é loteria, mas pura psicologia. Afinal, a decisão por pênaltis é o momento de maior pressão num jogo de futebol."

É claro que o estudo busca respostas *a posteriori* para explicar por que alguns acertam mais que outros e, portanto, não é uma fórmula para ganhar (ou perder). Não há dúvida, contudo, de que os dados rendem uma ótima conversa com os amigos. Algumas possibilidades:

1. quanto maior a pressão (as últimas cobranças, por exemplo), maior a chance de errar;
2. quem está menos habituado a chutar para o gol (como os zagueiros) acerta menos;
3. os que têm mais de 23 anos e os que estão mais cansados (por atuar nos 120 minutos da partida) também desperdiçam mais;
4. grandes jogadores perdem mais pênaltis decisivos quanto mais famosos eles são: na amostra, os craques acertavam 89% antes de receber um prêmio individual relevante (e passam a acertar só 65% depois de se tornar estrelas);
5. quanto mais rápido o jogador arruma a bola e faz a cobrança, maior a probabilidade de marcar.

A pesquisa, no entanto, não dedica muita atenção a pelo menos duas variáveis que têm grande peso no desfecho do chute decisivo: a habilidade do goleiro e o conhecimento cada vez maior sobre os vícios dos cobradores. "Os pênaltis são uma guerra psicológica", diz o goleiro do Flamengo Diego Alves, com a autoridade de quem detém o recorde de penalidades defendidas no Campeonato Espanhol: seis de onze só na temporada 2016-2017. "É um duelo entre o batedor e o goleiro, mas há muito mais em jogo."

Na Euro disputada recentemente, quatro embates foram decididos assim: um nas oitavas, um nas quartas, uma das semifinais e a final, com vitória da Itália contra a dona da casa, a Inglaterra. Na Copa América, três confrontos só terminaram nas penalidades máximas. Os goleiros, é natural, saíram como heróis. "Há técnica e treino", disse a PLACAR o argentino Sergio Goycochea, que na Copa de 1990 salvou uma cobrança da Iugoslávia, nas quartas, e duas da Itália, na semifinal. "O movimento corporal tem por objetivo enganar a mente do adversário."

Ressalve-se que, desde os anos 1990, da glória de Goycochea, o futebol mudou muito. "Hoje o goleiro precisa estar com um dos pés em cima da linha, e acho que isso traz até mais benefícios. Antes, era comum escolher um canto, o que facilitava para o batedor", afirma Cláudio Taffarel, um dos maiores pegadores de pênaltis da seleção brasileira. Em 1994, na primeira Copa do Mundo decidida dessa forma, ele espalmou a quarta cobrança, do italiano Massaro, abrindo caminho para o tetra. "Naquela época, não havia muito estudo. No máximo, alguém dizia que já tinha jogado contra aquele cara e eu tentava fazê-lo ir para o lado em que eu ia saltar."

Atualmente, até a transmissão pela TV, com apoio de levantamento estatístico, indica em qual ponto do gol o atleta pôs a bola nas últimas tentativas. Todo o time (com a ajuda da comissão técnica) se envolve naquele momento. O estudo

PHILIP FONG/AFP

Andressa perde a cobrança contra o Canadá, pelas quartas da Olimpíada de Tóquio: para os vencidos, será sempre injustiça

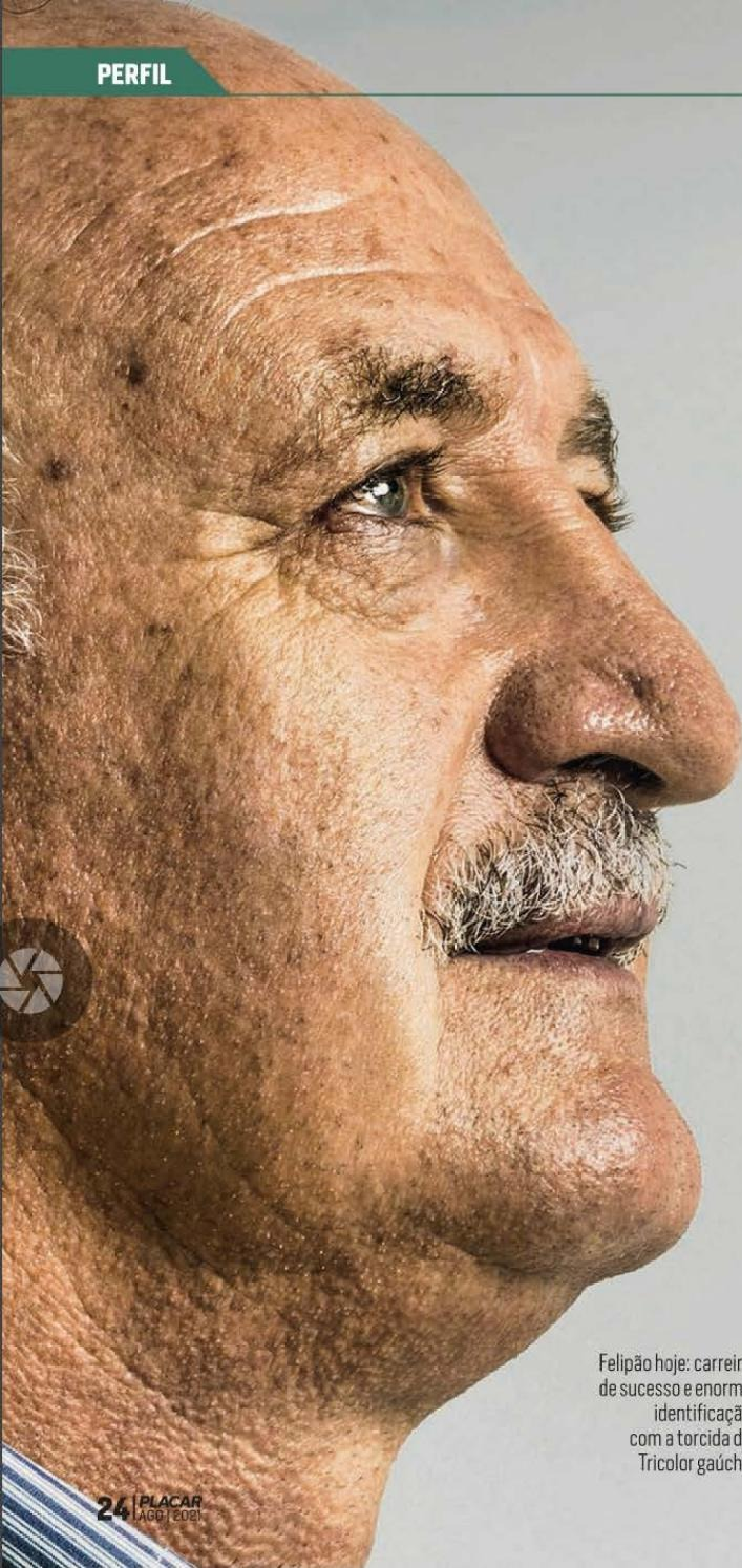
do professor norueguês ressalta que a comunicação verbal e a não verbal entre os jogadores fazem diferença no resultado. "É essencial motivar o companheiro", diz o ex-meia Zenon, que vestiu as camisas de Guarani, Corinthians e Atlético-MG e era grande especialista em bolas paradas. "Fica mais fácil acertar o que a gente faz nos treinos."

Quem é sempre lembrado quando se fala em decisões por pênaltis é Fernando Prass, que jogou até os 42 anos (se aposentou pelo Ceará em fevereiro, logo após o término do Brasileirão 2020). Na final da Copa do Brasil de 2015, no clássico entre Santos e Palmeiras, o goleiro não apenas defendeu o chute do zagueiro Gustavo Henrique, como também se apresentou, com grande confiança, para fazer a quinta e decisiva cobrança do clube alviverde. A batida, indefensável para o santista Vanderlei, garantiu a taça.

Eis o que ele conta: "Um ano antes, tínhamos perdido a final do estadual. Treinávamos cobranças de pênaltis por orientação do técnico Marcelo Oliveira. Nosso time tinha muitos atletas jovens, e por isso me prontifiquei para bater. Pela experiência e porque me sentia forte mentalmente, tranquilo para assumir essa responsabilidade". A história de Prass é uma das muitas exceções que confirmam a "regra" descoberta pelo estudo, de que os mais jovens e os que não correram nos 120 minutos têm mais chance de acertar. Os ingleses Rashford, Sancho e Saka preenchiam esses requisitos e erraram suas cobranças na final da Euro, contra a Itália *(leia a respeito da reação racista contra os erros dos ingleses na reportagem da pág. 26).*

Conclusão: a cobrança de pênaltis não é ciência exata. Ao contrário, é uma guerra psicológica mesmo. "Você conhece o aproveitamento dos jogadores nos treinos e nos jogos e escolhe os melhores, mas é lógico que o emocional tem grande peso", diz Prass. "E, mesmo recebendo material sobre os adversários, com as últimas cobranças de cada um, o que vale é o momento." Com uma certeza: o derrotado sempre lamentará a injustiça. ■

Felipão hoje: carreira de sucesso e enorme identificação com a torcida do Tricolor gaúcho

O PA

Luiz Felipe Scolari começa sua quarta passagem pelo Grêmio disposto a desafiar dois tabus do futebol brasileiro: a obsessão por derrubar treinadores como quem troca de roupa e o preconceito contra os mais velhos e experientes

Gabriel Pillar Grossi

Durante mais de quatro anos, o Grêmio viveu numa espécie de mundo paralelo no futebol brasileiro. Enquanto todos os outros clubes trocavam de treinador a cada sequência de maus resultados, Renato Gaúcho liderou a equipe sem grandes sobressaltos. Em abril deste ano, após o término do Brasileirão 2020, o Tricolor não resistiu ao favoritismo do Palmeiras, na final da Copa do Brasil, e perdeu a vaga de forma surpreendente para o Independiente del Valle na última eliminatória da fase de grupos da Libertadores. O eterno camisa 7 caiu e, como era esperado, chegou para seu lugar um dos expoentes da nova geração de técnicos: Tiago Nunes, 41 anos. A parceria durou apenas vinte jogos, menos de três meses — com apenas uma vitória nas últimas onze partidas.

Três dias depois da demissão de Tiago, a direção gremista confirmou que o substituto era um velho conhecido da torcida: Luiz Felipe Scolari foi anunciado em 7 de julho para sua quarta passagem no comando do time. "O mercado vi-

RICARDO CORREA

ve de fases", afirma Sérgio Xavier Filho, que foi diretor de redação de PLACAR e hoje trabalha no SporTV. "Por algum tempo todos queriam técnicos de fora, pois, sobretudo graças ao sucesso de Jorge Sampaoli e Jorge Jesus, ficou claro que estamos atrasados em termos de conceitos e de tática. Só que essa onda passou e agora muitos preferem alguém capaz de gerir o grupo, como é o caso do Felipão." Paulo Vinícius Coelho, que também é comentarista do Grupo Globo, concorda: "Na temporada passada, onze times tiveram dezesseis estrangeiros no comando. Agora, são só cinco *(até o fechamento desta edição, os portugueses Abel Ferreira, no Palmeiras, e António Oliveira, no Athletico Paranaense; o uruguaio Diego Aguirre, no Inter; e os argentinos Juan Pablo Vojvoda, no Fortaleza, e Hernán Crespo, no São Paulo)*".

O fato é que, como sempre, o futebol brasileiro ainda não sabe lidar com as dificuldades, as decepções, as derrotas. "Ninguém mais suporta esse analfabetismo do nosso futebol, que muitos chamam de cultura, de demitir ao menor sinal de dificuldade, sem projeto de longo prazo."

Esse é um dos motivos que garantem espaço para Felipão — aos 72 anos, o mais velho técnico da Série A 2021. Além de Serginho e PVC, outros seis analistas ouvidos por PLACAR foram unânimes em afirmar que esse preconceito contra os "antigos" é péssimo — mas está fortemente arraigado entre dirigentes, torcedores e jornalistas. "Antes de mais nada, acho genial um cara com a idade dele estar aí, lutando, no mercado, sendo disputado por grandes clubes, sem medo de tomar pancada", resume Diogo Olivier, comentarista do Grupo RBS em Porto Alegre. "No Brasil, qualquer um com mais de 60 anos é chamado de ultrapassado. O mesmo vale para o futebol, que é um ambiente conservador e reacionário, mas eu discordo totalmente, porque a experiência pesa muito", emenda Maurício Noriega, do SporTV.

E bota experiência nisso. Ninguém duvida que Felipão seja um dos maiores técnicos da história brasileira. Nascido em Passo Fundo em 9 de novembro de 1948, profissionalizou-se como jogador em 1973, pelo Caxias. Zagueiro, teve uma carreira relativamente curta. Apenas oito anos depois, após passar por Juventude e Novo Hamburgo, aposentou-se no CSA. Imediatamente, assumiu o comando do time alagoano e, nesses quase quarenta anos de profissão, ganhou tudo o que se pode imaginar: foi campeão estadual, da Copa do Brasil, do Brasileirão, do Chinês, da Libertadores. É ídolo no Grêmio, no Palmeiras e no Cruzeiro. Levou a seleção de Portugal pela primeira vez a uma final da Eurocopa e (depois de quarenta anos) à semifinal da Copa do Mundo. Foi um dos poucos brasileiros a comandar um grande time europeu (o Chelsea, na temporada 2008-2009, quando virou o Big Phil). E, claro, conquistou o pentacampeonato mundial com a seleção brasileira em 2002. É, junto com o alemão Helmut Schön e Zagallo, um dos únicos a chegar a três semifinais em Mundiais.

Era Felipão quem estava no banco quando isso aconteceu pela última vez, na Copa de 2014, disputada aqui no Brasil. Por mais que a terrível humilhação imposta por aquele 7 a 1 no Mineirão seja apontada por alguns como uma mácula em sua carreira, a seleção canarinho não conseguiu ir tão longe em 2006, 2010 e 2018. Antes da volta do técnico, o Grêmio estava em maus lençóis no Brasileirão. Último colocado com apenas dois empates e cinco derrotas, amargava o pior início de campeonato de todos os tempos. O sentimento de terra arrasada e a necessidade de reconstruir tudo levantaram justamente esta questão: o que esperar dele agora?

IZÃO VOLTOU

"Antes de mais nada, é preciso entender que aqui no Rio Grande do Sul Felipão sempre teve outro status", explica Filipe Duarte, repórter da RBS. "Sua passagem anterior pelo Grêmio foi em 2014, logo após a derrota na Copa. Enquanto o país inteiro via nele a personificação do fracasso da seleção, os gremistas ainda o veneravam pelo espírito aguerrido que rendeu inúmeros títulos nos anos 1990." David Coimbra, cronista do jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha, emenda: "A torcida se identifica muito e tem esperança porque a história com o clube é supervitoriosa".

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE

RENATO PIZZUTTO

No Cruzeiro em 2001 *(acima)*, com Cristiano Ronaldo na seleção de Portugal em 2004 e no Palmeiras em 2011: ídolo aqui e também no exterior

Mauro Beting, do TNT Sports, vê dois objetivos principais para o treinador: "Um é recuperar o time no Brasileirão, pois o início da campanha foi terrível, decepcionante. Acredito que vai ter sofrimento por um bom tempo, mas dá para escapar do rebaixamento. A outra meta é buscar um bom resultado na Copa do Brasil. Tem de respeitar o combo Grêmio-Felipão numa competição como essa". O time passou por Brasiliense e Vitória e agora está entre os oito melhores do torneio. "É difícil imaginar que Felipão vá propor qualquer mudança tática, pois nunca foi um homem de ideias inovadoras", completa Miguel Pereira, historiador do futebol e jornalista português. "Seu maior mérito, tanto no Brasil quanto aqui na Europa, sempre foi a capacidade de formar grupos, alimentar a ideia de uma família de jogadores. Fez isso na seleção brasileira, na portuguesa, no Chelsea e tem tudo para repetir novamente agora. Essa é a base de sua forma de trabalhar, que funciona muito bem em projetos de curto prazo."

O caminho para impedir o naufrágio do Tricolor passa por esse controle sobre o elenco. "O Felipão tem algo que é só dele: esse monte de troféus para exibir. E jogador sempre respeita um treinador assim", aponta Sérgio Xavier. "Foi justamente por causa desse histórico que a direção lhe deu carta branca para agir como o comandante que precisa colocar ordem no vestiário e fazer com que os atletas se doem por cada centímetro de grama, mesmo que isso represente uma ruptura com o modelo de jogo que garantiu os sucessos mais recentes do time", reforça Filipe Duarte, que é autor de um livro recém-lançado sobre a história de treinadores nascidos e formados no Rio Grande do Sul *(leia o capítulo dedicado a Luiz Felipe Scolari na pág. 28)*.

Nos anos 1990, lembra David Coimbra, "ele saía atrás dos jogadores à noite, para evitar que ficassem na farra ou se metessem em confusão". Hoje, ninguém aposta nisso. "O mundo mudou, tudo apa-

rece nas redes sociais, os empresários mandam recados e fazem intrigas, é certo que o Felipão não tem mais paciência para pegar cada um dos vinte atletas do grupo pela mão", diz PVC, para quem a nova missão do treinador tem três etapas principais. "Primeiro, precisa achar a chave do vestiário, que estava com o Renato, que fazia tudo sozinho. Segundo, juntar os caras e começar a formar um grupo. E, terceiro, não deixar essas pequenas faíscas do futebol de hoje estragar todo o trabalho. A figura dele é pesada dentro e fora do vestiário. E isso dá muito respaldo."

Diogo Olivier reafirma essa impressão. "Por muito tempo o Renato era o mandachuva: treinador, manager, o dono da bola. O Grêmio voltou a ter um executivo de futebol, justamente para deixar o Tiago Nunes com menos poderes, mas não deu certo. A missão do Felipão é retomar esse controle, impor disciplina no vestiário. O sonho da direção é o Felipão recriar uma família Scolari." De fato, logo após a saída de Renato os problemas entre os atletas estavam se tornando públicos, saindo dos bastidores para confrontos abertos no gramado. Maurício Noriega ressalta que essa é uma estratégia marota dos cartolas. "Há uma transferência de responsabilidade muito evidente, que os dirigentes brasileiros adoram. 'Pô, contratei o Felipão, vocês queriam o quê? Tem alguém melhor?' Assim, empurram todo o peso para as costas do treinador."

O que, então, pode dar errado? "Se os jogadores perceberem que ele está no passado, ferrou. Se desconfiarem que virou uma peça de museu, o projeto vai durar muito pouco", dispara Sérgio Xavier. A trajetória recente mostra que o próprio Felipão sabe que esse é o grande calcanhar de aquiles. Tanto é assim que trocou de auxiliar técnico: saiu Murtosa, seu contemporâneo (tem 70 anos), e entrou Paulo Turra. É ele quem dá os treinos no dia a dia e, por ter apenas 47 anos, consegue passar uma imagem mais moderna à equipe. "Os dois já estavam juntos no Palmeiras campeão brasileiro de 2018, que é logo ali em termos de história", diz Maurício Noriega. "Alguns técnicos mais antigos resistem em incorporar ferramentas tecnológicas, como análise de desempenho, prospecção de jogadores e uso de dados estatísticos", avalia Diogo Olivier. "A parceria com o Turra, na China, ajudou-o a se atualizar com isso." O que vai acontecer nos próximos meses é, claro, um grande ponto de interrogação. Felipão e o Grêmio vão ressurgir com força? Ou vão afundar em um novo rebaixamento? Como bem resume Mauro Beting, "pode até não dar certo, mas é uma aposta que não tem erro". Ou, nas palavras de PVC, "Felipão é o melhor técnico do estilo Felipão". ■

Em dois tempos com a seleção brasileira: campanha impecável e conquista do pentacampeonato no Japão em 2002...

ALBERTO ESTEVEZ/EFE

...e a derrota para a Alemanha por 7 a 1 no Mineirão em 2014, de triste memória para o técnico e o país

PEDRO UGARTE/AFP

Anos 1970: zagueiro vigoroso do Caxias, seu mentor foi Carlos Benevenuto Froner

A FAMÍLIA SCOLARI

Livro detalha como, nos anos 1990, Felipão conciliou o "jogo bonito" com o "jogo de resultados" — até levar a seleção ao pentacampeonato, em 2002

Em resumo, o futebol se divide entre duas filosofias de jogo: times que controlam a bola e times que controlam o espaço. Ou, traduzindo de uma maneira simplista, os que preferem atacar e os que preferem defender. Embora pareça uma luta maniqueísta entre o bem e o mal, não há uma fórmula vencedora ou maneira certa e errada de jogar. Os dois modelos levaram inúmeros clubes a conquistas e desgraças. (...)

Nos anos 1990, em território brasileiro, um mesmo homem incendiou a discussão entre jornalistas e torcedores sobre "jogo bonito" e "jogo de resultado": o gaúcho Luiz Felipe Scolari. Curiosamente, anos depois, ele mesmo seria capaz de unificar todos os conceitos para levar a seleção brasileira ao pentacampeonato mundial.

Para entender a mentalidade de Felipão, é preciso recuar ao início de sua trajetória, ainda como atleta. Natural de Passo Fundo, o descendente de italianos foi um zagueiro vigoroso do Caxias nos anos 1970. No Estádio Centenário, teve como mentor o técnico Carlos Benevenuto Froner.

Anos antes, Seu Froner havia ganhado status por boas campanhas à frente do Aimoré. Assim, chegou ao Inter em 1962. Contudo, não obteve êxito e, dois anos depois, acabou contratado pelo Grêmio. No Olímpico, pegou uma geração que havia sido talhada pela filosofia de jogo de Oswaldo Rolla, com um futebol mais físico. Foi o terreno perfeito para implementar seu estilo de jogo e dar sequência à série de títulos tricolor. Foi tricampeão gaúcho (1964, 1965 e 1967) e só não alcançou conquistas nacionais por ser contemporâneo do Santos de Pelé e do Palmeiras de Ademir da Guia.

"Ele era um retranqueiro. Gostava de armar um esquema para não tomar gol. Colocava zagueiro de centro-médio e centro-médio de meia. Era gritão, mas um homem muito íntegro e cordial fora do campo", explicou-me João Severiano, meia daquele time gremista.

Aquela não era uma característica somente sua, mas já permeava outros trabalhos desenvolvidos no interior do estado e que talharam profissionais como Paulo de Souza Lobo (o Galego), Daltro Menezes, Ernesto Guedes e tantos outros. Porém, com uma mentalidade forte e um futebol competitivo, Froner ultrapassou as fronteiras do Rio Grande do Sul, treinando Bahia, Vasco, Flamengo e ainda voltaria ao Grêmio em 1984, sendo finalista da Libertadores naquele ano, derrotado pelo Independiente. Mas foi no Caxias que plantou sua eterna semente. Com uma declaração dada por ele, à revista PLACAR de 21 de setembro de 1973, fica fácil compreender como o zagueiro Luiz Felipe se tornou o técnico Felipão: "Sabe, sou oficial da reserva. Por isso digo que o futebol é uma batalha. A gente não pode partir para o ataque sem conhecer as armas do inimigo e sem uma previsão séria de como ele agirá no caso de ser atacado. Assim, eu quero um time na defesa, mas uma defesa em que os soldados estejam atentos para atacar".

Scolari começou a carreira de treinador exatamente onde encerrou a de atleta — no CSA —, conquistando de cara o título alagoano de 1982. Em sua primeira passagem pelo Grêmio, em 1987, também levou o título estadual, mas acabou deixando o cargo no fim do ano, sem conseguir chegar à fase final do Brasileirão. O reencontro, para azar dos gremistas, se daria em 1991. Com o pequeno Criciúma, conquistou a Copa do Brasil sobre o Tricolor, do veterano Dino Sani.

Escola Gaúcha de Futebol — A Árvore Genealógica dos Treinadores do Rio Grande do Sul, de Filipe Duarte

J. B. SCALCO

Os feitos levaram o então presidente, Fábio Koff, a buscá-lo, em setembro de 1993, em um casamento que só terminaria três anos depois, deixando muitos frutos: uma Copa do Brasil (1994), uma Libertadores (1995), uma Recopa Sul-Americana (1996), um Brasileirão (1996) e dois Gauchões (1995 e 1996). (...)

Mas, ao mesmo tempo que conquistava títulos e uma idolatria junto à torcida, colecionava detratores. Ao bater de frente, e muitas vezes levar vantagem, com o São Paulo de Telê Santana, o Palmeiras de Vanderlei Luxemburgo, ou o Corinthians de Nelsinho Baptista, o Grêmio de Felipão sofria críticas dos profissionais do futebol e dos jornalistas do eixo Rio-São Paulo. (...)

Com recursos parcos, se comparado aos adversários nacionais, Felipão montou um time recheado de jogadores que haviam sido dispensados por outros clubes (Dinho e Goiano, do São Paulo, Paulo Nunes, do Flamengo, e Jardel, do Vasco) mais garotos da base (Danrlei, Roger e Carlos Miguel). O auge talvez tenha sido a goleada de 5 a 0 aplicada sobre o Palmeiras milionário da Parmalat, pelas quartas de final da Libertadores de 1995.

Anos 1990: sucesso com um Grêmio fechadinho que conquistou a América

EDISON VARA

O sistema tático também era muito bem definido, em um 4-4-2 "torto". O lateral-direito Arce avançava mais do que o esquerdo, Roger. O volante Goiano distribuía passes, enquanto o outro, Dinho, ganhava a fama de desarmador. O meia Arilson permanecia centralizado, para o outro, Carlos Miguel, se movimentar pela esquerda. Dos dois atacantes, Paulo Nunes tinha mais liberdade para flutuar, enquanto Jardel servia de referência para a bola aérea.

"O diabo é que o estilo do Grêmio me lembra sua antítese, em matéria de brilho — o drible de Garrincha. Todo mundo sabia de cor e salteado quais os movimentos que faria, sempre para a direita. E ninguém conseguia impedi-lo de repetir a jogada hipnótica e fatal. Assim é o Grêmio. Joga fechadinho, duríssimo na marcação, partindo para os contragolpes que culminam invariavelmente no cruzamento para o cabeceio de Jardel. E assim vai o Grêmio construindo sua legenda", escreveu o jornalista Alberto Helena Júnior, no jornal *Folha de S.Paulo* do dia 15 de maio de 1996.

O mais irônico é que, após deixar Porto Alegre, em dezembro de 1996, Scolari trabalhou um breve período no Japão e, cerca de um ano depois, retornou àquele mesmo Palmeiras endinheirado que ele tanto enfrentou. No Parque Antártica, indicou alguns atletas com quem tinha trabalhado no Olímpico, como Arce, Rivarola, Arilson e Paulo Nunes, e emulou o seu velho Grêmio — não apenas no estilo de jogo como no sistema tático, o 4-4-2 "torto": o lateral-esquerdo Júnior se resguardava mais para que Arce subisse ao ataque, Zinho fazia o lado esquerdo do meio-campo para que Alex centralizasse, enquanto Oséas aguardava na área.

Curiosamente, no Palmeiras da Parmalat, Felipão suplantou não apenas o antigo modelo de jogo, mais fluido e ofensivo, implementado por Chapinha e aprimorado por Luxemburgo. Ele ousou romper com uma tradição identitária do clube, que se orgulhava por praticar um futebol acadêmico desde os tempos de Ademir da Guia. Isso lhe causou muitas críticas internas e apupos da torcida, a quem apelidou de "turma do amendoim". Ainda assim, só conseguiu encerrar o seu ciclo por conquistar títulos que o clube ainda não tinha: a Copa do Brasil e a Copa Mercosul, em 1998, e a Libertadores, em 1999.

O sucesso de Luiz Felipe Scolari abriu os olhos de outros clubes, que passaram a procurar profissionais com características semelhantes às suas. Assim, o Inter lançou Celso Roth, seu ex-preparador físico, em 1997, e que posteriormente iria parar até mesmo no Palmeiras, sendo semifinalista da Libertadores de 2001. Roth retornaria ao Beira-Rio em 2010, em uma de suas tantas passagens pela dupla Gre-Nal, para conquistar o título da América usando aquele mesmo modelo tático, em um meio-termo entre o 4-4-2 e o 4-2-3-1 por sua simetria. (...)

Obviamente, Felipão seguiu alçando voos maiores. De São Paulo, rumou a Belo Horizonte, para comandar o Cruzeiro. Até que, em 2001, aceitou o convite para treinar a seleção brasileira, que ameaçava não se classificar à Copa do Mundo na Coreia do Sul e no Japão.

Ao seu melhor estilo, o caxiense rompeu com vários sensos comuns. Deixou de convocar o atacante Romário, apesar dos apelos de grande parte da torcida, e passou a chamar atletas que não apareciam nas principais equipes do país, como os volantes Gilberto Silva e Kleberson, de Atlético-MG e Athletico-PR, e o zagueiro Anderson Polga, do Grêmio. Por fim, apostou no atacante Ronaldo Nazário, que vinha de um longo período sem jogar por causa de uma operação no joelho. As escolhas o transformaram em alvo fácil das críticas, que se intensificaram após uma eliminação vexatória para Honduras, na Copa América de 2001. Para piorar, ressuscitou um tripé de zagueiros que havia sido enterrado na seleção desde o Mundial de 1990, quando a Argentina ajudou a demonizar Sebastião Lazaroni.

Portanto, não poderia haver clima de maior belicosidade e descrédito. Fechou-se, então, em torno de um grupo de jogadores, que de maneira jocosa recebeu o apelido de Família Scolari. Nem mesmo a classificação à Copa amenizou as pancadas. Se voltasse da Ásia sem o título, toda a culpa seria dele. Mas, de burro, Felipão não tinha nada. (...)

"Luiz Felipe Scolari prestou atenção no que os *hermanos* faziam. O modelo de jogo não era nem poderia ser o mesmo, mas no papel se pareciam as duas seleções: Sorín era Roberto Carlos, Cafu era Zanetti, Simeone era Gilberto Silva, Verón era Rivaldo, Ortega era Ronaldinho Gaúcho", escreveu Ruy Carlos Ostermann no livro *Felipão, a Alma do Penta* (Zero Hora).

O mais curioso é que a matriz argentina não passou da fase de grupos. Já a filial brasileira rumou ao título mundial, passando por Turquia, China, Costa Rica, Bélgica, Inglaterra, Turquia outra vez e, finalmente, Alemanha. Em uma espécie de 3-4-3, Felipão posicionou três defensores (Lúcio, Edmílson e Roque Júnior) para dar liberdade aos avanços dos laterais (Cafu e Roberto Carlos), além do trio final (Ronaldinho, Rivaldo e Ronaldo). Venceu os sete jogos, marcando dezoito gols e sofrendo apenas quatro. (...)

Mas o título mundial não mudou a personalidade de Felipão, que seguiu atraindo amor e ódio com a mesma intensidade. Uma década depois, por exemplo, Scolari voltaria a ser acionado pela CBF, em um novo momento de emergência, às portas da Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Conquistaria a Copa das Confederações contra a Espanha com um futebol intenso. No ano seguinte, caiu na semifinal de maneira traumática, para a mesma Alemanha que havia vencido em 2002. Porém os impiedosos 7 a 1 carimbados em sua pele não apagam a quinta estrela costurada na camisa amarela, tampouco lhe tiraram a convicção sobre o estilo de trabalho. Com ele, treinou a seleção portuguesa, o Chelsea, foi campeão chinês e, em seu retorno ao Palmeiras, em 2018, levou o Brasileirão.

Com a cara fechada para os críticos, Felipão é, sem dúvida, um dos maiores expoentes da escola gaúcha de treinadores. E, assim como Zubeldía inspirou Bilardo, que por sua vez afetou Bielsa, Luiz Felipe foi diretamente inspirado por Froner e segue insuflando uma geração de profissionais do Rio Grande do Sul. De Rogério Zimmermann a Dunga, é possível enxergar um pouco dessa filosofia do "contra tudo e contra todos". ■

DANNY LAWSON/PA IMAGES/GETTY IMAGES

O SILÊNCIO CONTRA O RACISMO

Pesquisador italiano comprova que jogadores negros vão melhor em estádios vazios, sem o risco de xingamentos preconceituosos

Fábio Altman

Logo depois da derrota da Inglaterra para a Itália, na final da Euro, em julho, decidida nos pênaltis, uma onda de racismo se alastrou pelas redes sociais. Os três jogadores negros que perderam as penalidades — Marcus Rashford, Jadon Sancho e Bukayo Saka — foram estúpida e agressivamente acusados de terem sido os responsáveis pelo resultado. A xenofonia brotou em letras capitulares: "Saia do meu país!". O preconceito ecoou em xingamentos: "Voltem para a África".

Até o primeiro-ministro Boris Johnson, que no início admitira vaias contra os jogadores que se ajoelhavam em protesto contra o desrespeito racial, se manifestou. "Os responsáveis por esse abuso terrível deveriam ter vergonha de si mesmos", disse. O príncipe William, que foi a Wembley, o palco da final, com o filho George, também revelou incômodo. "Estou enojado com o abuso racista dirigido aos jogadores da Inglaterra após a partida de ontem à noite. É totalmente inaceitável que os jogadores tenham de suportar esse comportamento repulsivo."

Desagravo: em defesa de Rashford, que perdeu um pênalti contra a Itália, na final da Euro, e foi agredido nas redes sociais

GABRIEL BOUYS/AFP

O italiano Mario Balotelli, filho de ganenses, em foto de 2012: o corpo forte e bonito contra "um punhado de imbecis"

KIRILL KUDRYAVTSEV/AFP

Boa parte da população, é claro, saiu em defesa dos agredidos. Mas o horror do racismo brotou como sempre. É inaceitável. O que poderiam fazer os jogadores? Uma ideia seria não entrar em campo — ou então, e aqui cabe uma provocação, afastar os torcedores dos estádios. Um fascinante estudo do italiano Fabrizio Colella, da Universidade de Lausanne, na Suíça, mostra que o desempenho de atletas negros melhorou durante a pandemia, com o silêncio das arquibancadas, sem o risco de ouvir barbaridades. O pesquisador esmiuçou o desempenho de dezenas de futebolistas da Série A da Itália, nos últimos dois anos, atribuindo a cada uma das atuações notas de zero a dez. Para a avaliação, ele usou o algoritmo de um fantasy game de futebol, o Fantacalcio, que se baseia em dados reais como passes certos, chutes, dribles e desarmes.

Ele então dividiu o grupo entre "brancos" e "não brancos" e tratou de verificar o desempenho, em 380 jogos, em estádios com torcedores ou vazios. O resultado? "Os jogadores brancos pontuaram um pouco pior sem torcedores do que em estádios lotados", escreveu Colella no artigo. "Em contraste, o desempenho dos jogadores não brancos melhorou estatisticamente na ausência de torcedores." Aos detalhes: jogadores brancos, que tinham nota média de 5,97 com arquibancadas cheias, recuaram para 5,95 no silêncio imposto pela pandemia. Os não brancos subiram de 5,92 para 5,98, o equivalente a 1,2% de melhora. Parece pouco, mas nas estatísticas esse grau tem relevância. O cientista tomou o cuidado de testar e testar suas conclusões, de modo a não ser acusado de leviano. Pôs no computador variáveis como a nacionalidade, a

Lukaku e seus companheiros da Bélgica ajoelhados antes da partida contra a Rússia, em São Petersburgo: vidas pretas importam

qualidade das equipes e o "efeito casa", mas a cor da pele prevaleceu para explicar as diferenças de performance. E mais: as notas dos jogadores de pele preta foram, em média, piores do que os pardos.

Se havia alguma dúvida do efeito pernicioso do racismo no esporte, parece já não haver. A punição contra os criminosos e a subtração de pontos de equipes coniventes com o preconceito, recursos que já foram aplicados, têm poder educativo — mas talvez seja pouco. "É preciso atenção para além do âmbito esportivo, porque a agressão se transfere para outros espaços, como as redes sociais", diz Colella. E é bom sempre lembrar das reações de nomes como o italiano Mario Balotelli, que disse ter enfrentado "um punhado de imbecis", ao reagir contra xingamentos racistas.

Balotelli, mais de uma vez, tirou a camisa e mostrou seu corpo bonito e preto para as hordas. Vale também, reafirme-se, enaltecer o gesto dos jogadores agachados, como fizeram os belgas na Euro, em partida contra a Rússia, em São Petersburgo (os donos da casa ficaram em pé). Tudo somado, eis a moral da história: vidas pretas importam. ■

OLHO NELES

Quem são os jovens que devem se destacar na temporada de 2021 e 2022 na Europa, com público nos estádios **Guilherme Azevedo**

Começa agora em agosto a temporada 2021/2022 dos campeonatos nacionais. O Francês foi o primeiro a dar o pontapé inicial, no dia 6. Em seguida, o Alemão, o Espanhol e o Inglês. A largada do Italiano está marcada para o dia 21. Com a queda nas receitas provocada pela pandemia do novo coronavírus, muitos clubes estão apostando em jovens promessas. PLACAR selecionou seis jogadores que têm boas chances de estourar nos próximos meses. É apenas um aperitivo, delicioso aperitivo, da cobertura da revista. Em setembro, lançaremos o tradicional Guia com as principais informações sobre esses cinco torneios e, claro, em torno do maior de todos: a Uefa Champions League.

ALEXANDER HASSENSTEIN/GETTY IMAGES

JAMAL MUSIALA, 18 ANOS

Bayern (Alemanha)

O jovem meia-atacante foi formado pelo Chelsea e chegou ao supercampeão alemão em 2019. Na última Bundesliga, quando o Bayern conquistou o octocampeonato, ele participou de 26 das 34 partidas e, apesar de ter saído do banco na maior parte das vezes, conseguiu anotar um gol a cada 148 minutos em campo. De ascendência nigeriana, participou da Euro defendendo as cores da Alemanha.

MATEO VILLALBA/QUALITY SPORT IMAGES/GETTY IMAGES

JÉRÉMY DOKU, 19 ANOS

Rennes (França)

Belga de nascimento, o ponta do Rennes terminou o Campeonato Francês neste ano como o jogador que mais driblou, à frente de Neymar e Mbappé nesse quesito. Veloz, agudo e habilidoso, ele também chamou atenção na Eurocopa, principalmente nas quartas de final, quando a Bélgica caiu diante da Itália. Até o fechamento desta edição, Bayern de Munique e Liverpool sonhavam contratá-lo.

AMAD DIALLO, 19 ANOS

Manchester United (Inglaterra)

Contratado pelo gigante Manchester United no início de 2021, o atacante nascido na Costa do Marfim foi formado pela Atalanta, onde brilhou desde as categorias de base. Joga em todas as posições do ataque e tem facilidade para finalizar e dar assistências. Disputou a Olimpíada de Tóquio com a camisa 10 da seleção de seu país — que estava no grupo do Brasil e surpreendeu ao superar a Alemanha.

MARC ATKINS/GETTY IMAGES

JOHN BERRY/GETTY IMAGES

EDUARDO CAMAVINGA, 18 ANOS

Rennes (França)
Antes mesmo de completar 18 anos, seu nome já aparecia com frequência nos debates esportivos franceses. Meio-campista canhoto, atua mais avançado, na armação ou mesmo como volante. Nascido em Angola, mudou-se para a França com 1 ano e atua pelas seleções de base do país que o acolheu desde 2019. Paris Saint-Germain e Manchester United estavam na briga para assinar com ele.

JUDE BELLINGHAM, 18 ANOS

Borussia Dortmund (Alemanha)

Ele começou no Birmingham City com apenas 7 anos, em 2010. Profissionalizou-se em 2019 e, com apenas 16 anos, jogou 41 vezes na Championship (a segunda divisão inglesa) daquele ano, ajudando o clube a escapar do rebaixamento. A incrível campanha lhe rendeu um contrato com o Borussia Dortmund, numa negociação de 23 milhões de euros. Meio-campista versátil, atuou na estreia da Inglaterra na Euro.

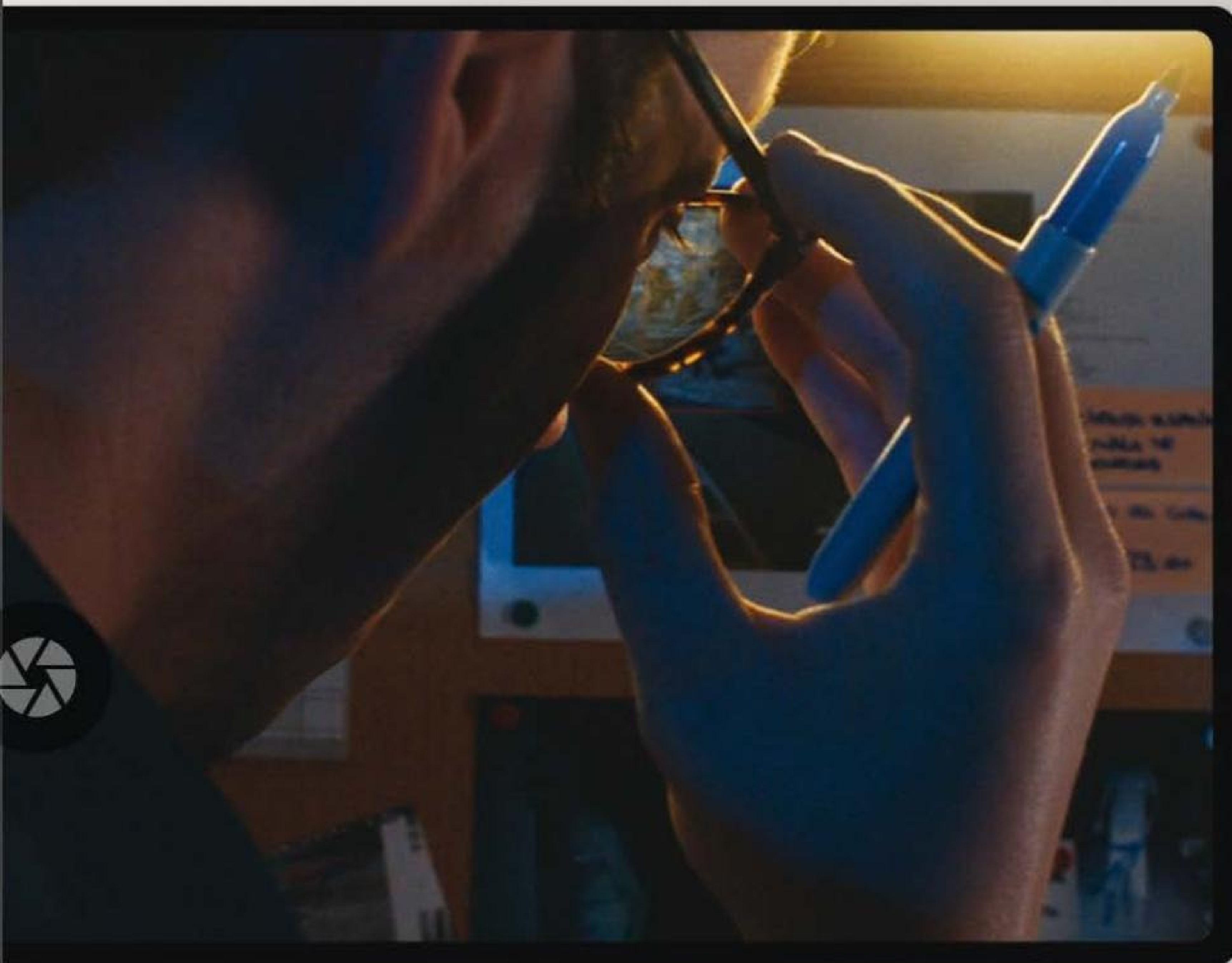
ALEXANDRE SIMOES/BORUSSIA DORTMUND/GETTY IMAGES

RYAN GRAVENBERCH, 19 ANOS

Ajax (Holanda)

Holandês descendente de surinameses, o meio-campista já é titular absoluto do Ajax (clube que o formou) e um dos grandes nomes do futebol nacional. Segundo a imprensa inglesa, Jürgen Klopp quer o garoto no Liverpool nesta temporada. Acostumado a defender a Holanda desde as categorias de base, fez dois jogos com a Laranja Mecânica na Eurocopa. Tem inteligência, intensidade, combatividade e bom trato com a bola.

ERWIN SPEK/SOCCRATES/GETTY IMAGES

EDIÇÃO: GABRIEL PILLAR GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

O gramado atrás da igreja na sereníssima Veneza: e se a bola cair no Adriático?

Ulf Lindberg: resultado de uma aventura do ponta-direita na Suécia em 1959

Immobile, da Lazio: outro tom

FRANCO ROMANO/GETTY IMAGES

CAMPOS DE

SONHOS

O futebol é esporte democrático, que pode ser jogado no meio de uma rua qualquer ou em estádios modernos. Tanto faz. Em todo o mundo há campos de tirar o fôlego, emoldurados por paisagens arrebatadoras, quase inacreditáveis. PLACAR faz um convite para essa viagem

RIO DE JANEIRO, **BRASIL**

DIVULGAÇÃO

Eis o que escreveu o tricolor Chico Buarque de Hollanda numa linda crônica publicada simultaneamente nos jornais *O Globo* e *Estadão*, em 1998, durante a Copa do Mundo da França. “Livremente inspirada no *football association*, a pelada é a matriz do futebol sul-americano e, hoje em dia mais nitidamente, do africano. É praticada, como se sabe, por moleques de pés descalços no meio da rua, em pirambeira, na linha de trem, dentro do ônibus, no mangue, na areia fofa, em qualquer terreno pouco confiável. Em suma, pelada é uma espécie de futebol que se joga apesar do chão. Nesse esporte descampado todas as linhas são imaginárias — ou flutuantes, como a linha da água no futebol de praia — e o próprio gol é coisa abstrata. O que conta mesmo é a bola e o moleque, o moleque e a bola, e por bola pode-se entender um coco, uma laranja ou um ovo, pois já vi fazerem embaixada com ovo.”

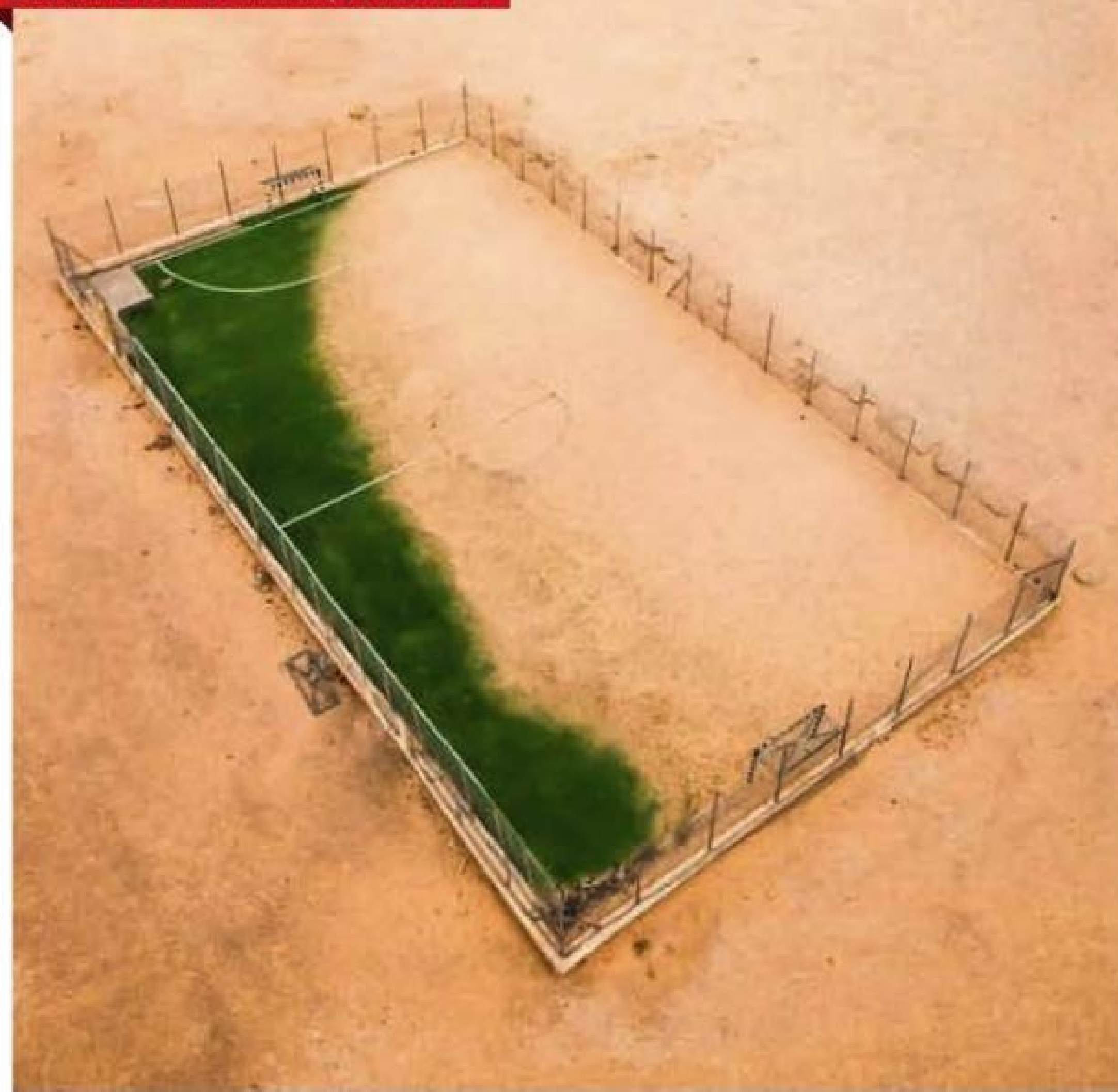
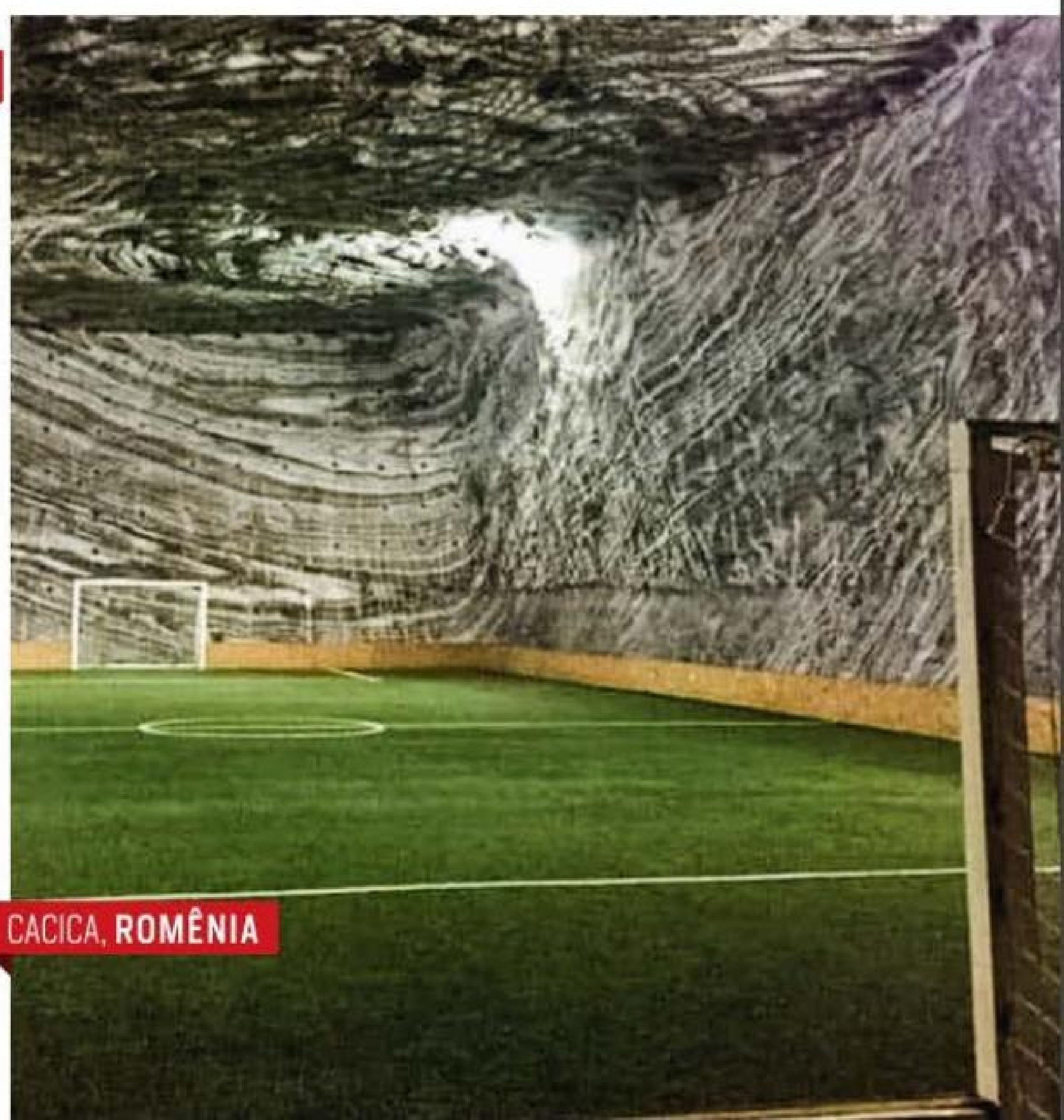
Pode calhar de o futebol ser praticado em gramados e estádios de tirar o fôlego, emoldurados por paisagens inacreditáveis, como mostram as fotografias destas páginas, feitas antes da pandemia, quando o mundo era outro. PLACAR as reuniu para comprovar que a bola é democrática, não escolhe país nem estilo de vida. Em alguns dos campos, não se pressupõe presença de torcida, vale mesmo é ter um time de cada lado em igual número, e só. Em outros, contudo, a ausência de plateia ao longo do ano e meio de pandemia pôs em cena a melancolia como 12º jogador. Cabe lembrar de um outro craque das letras em torno do esporte, o escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015): “Pare no meio de campo e escute. Não há nada menos vazio que um está-

PIRAN, **ESLOVÊNIA**

FOTOS DIVULGAÇÃO

DESERTO DE HUMAYMA, **JORDÂNIA**

BROOKLYN BRIDGE, NOVA YORK, **EUA**

CACICA, **ROMÊNIA**

MESHGCHERSKY PARK, MOSCOU

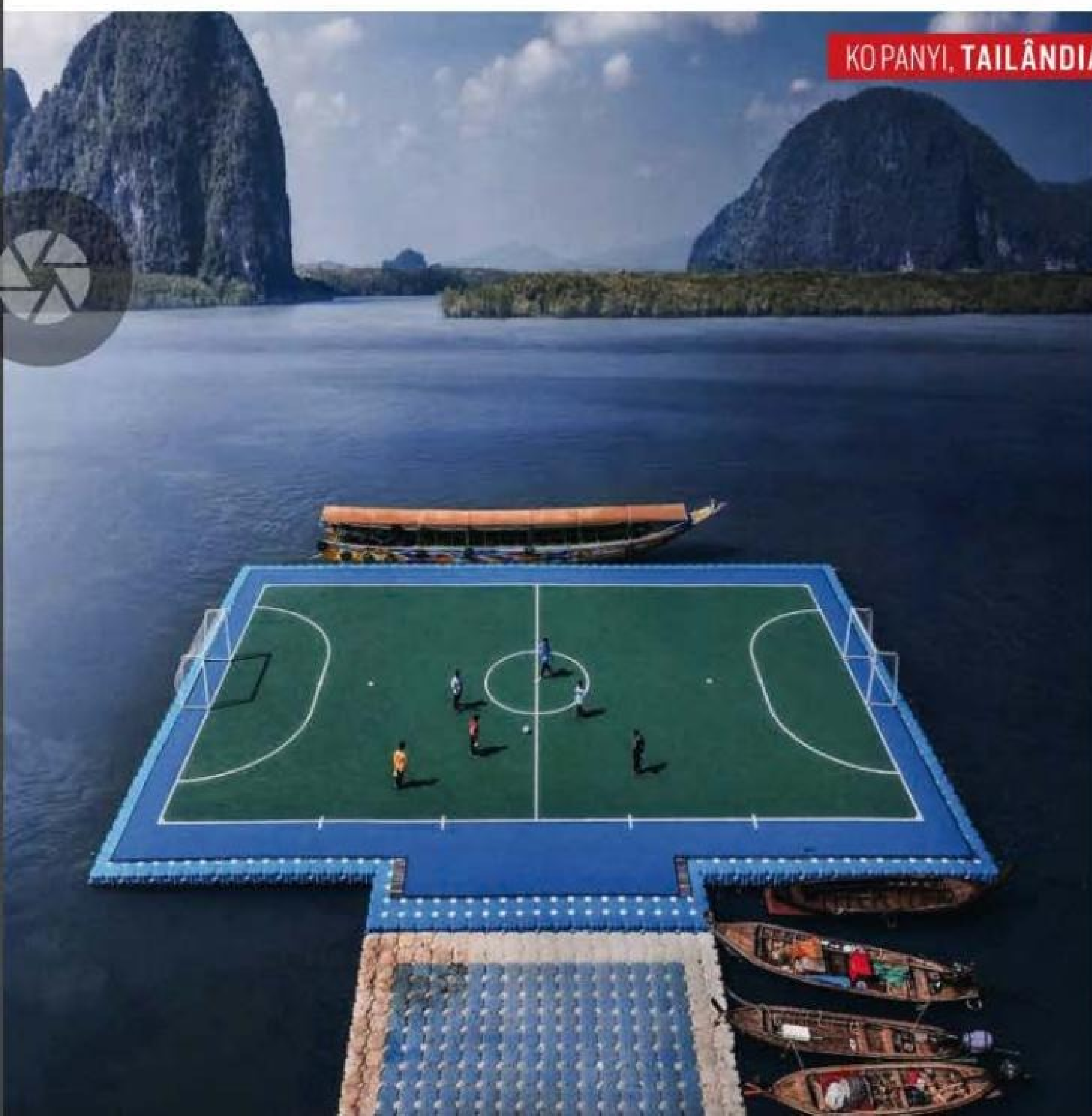
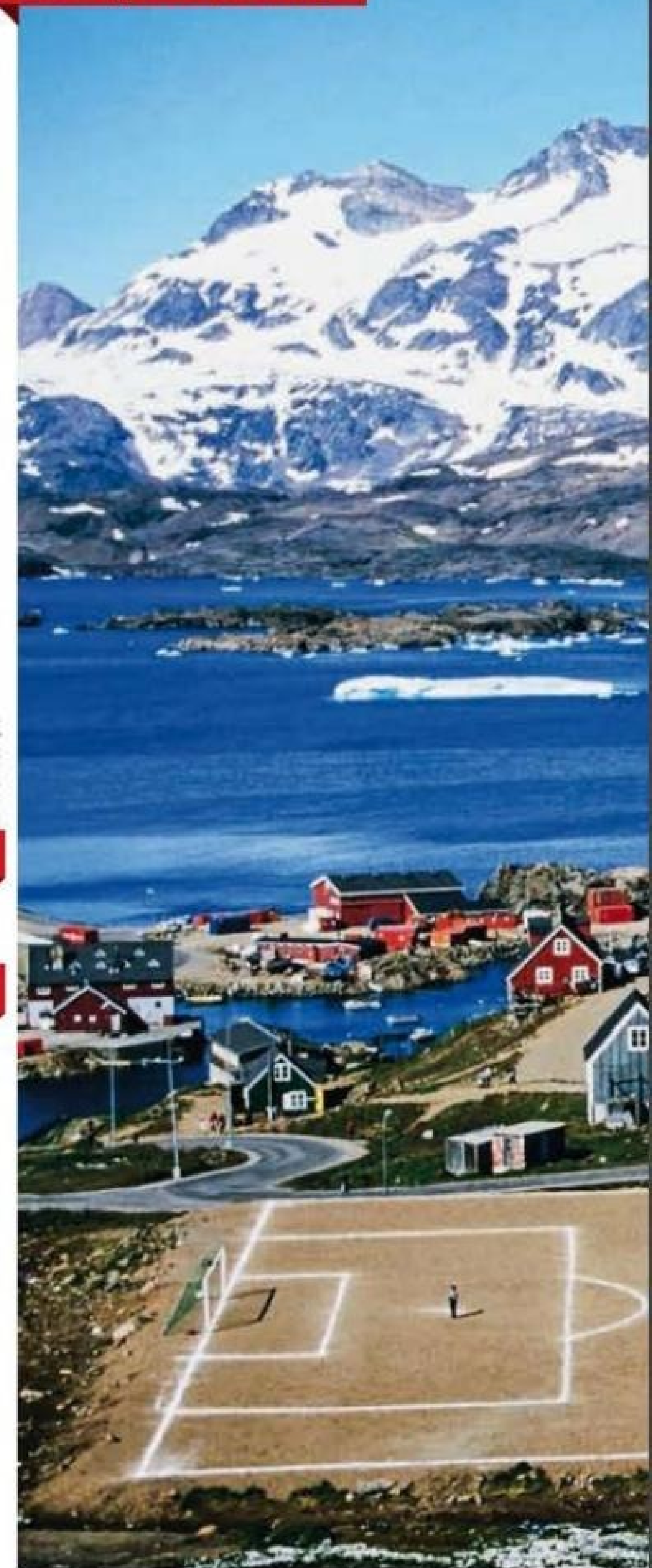
VALE DO WAKHAN, **TAJIQUISTÃO**

QEQERTARSUAQ, **GROENLÂNDIA**

FOTOS

FOTOS DIVULGAÇÃO

ILHAS MALDIVAS

TASIILAQ, GROENLÂNDIA

KO PANYI, TAILÂNDIA

dio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém. O estádio Centenário, de Montevidéu, suspira de nostalgia pelas glórias do futebol uruguaio. O Maracanã continua chorando a derrota brasileira no Mundial de 50. Na Bombonera de Buenos Aires, trepidam tambores de há meio século. Das pro-

fundezas do estádio Azteca, ressoam os ecos dos cânticos cerimoniais do antigo jogo mexicano de pelota. Fala em catalão o cimento do Camp Nou, e em euskera conversam as arquibancadas do San Mamés, em Bilbao".

Espera-se, ansiosamente, que a pandemia passe para que a vida ao redor das quatro linhas também seja retomada — a beleza inebriante dos campos de nada serve se for cercada apenas de natureza ou de construções, mas sem vida. Por ora, especialmente no Brasil, fiquemos com a letra de uma música de Chico Buarque, ele de novo, *Meu Caro Amigo*, clássico samba de 1976 na forma de uma carta enviada a amigos: "Aqui na terra tão jogando futebol / Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll / Uns dias chove, noutros dias bate sol / Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta". Quando melhorar, que mulheres e homens corram atrás da pelota no deserto, na neve, na montanha e no mar, atrás da igreja e no meio do mato. ■

A GENEALOGIA DO DRIBLE

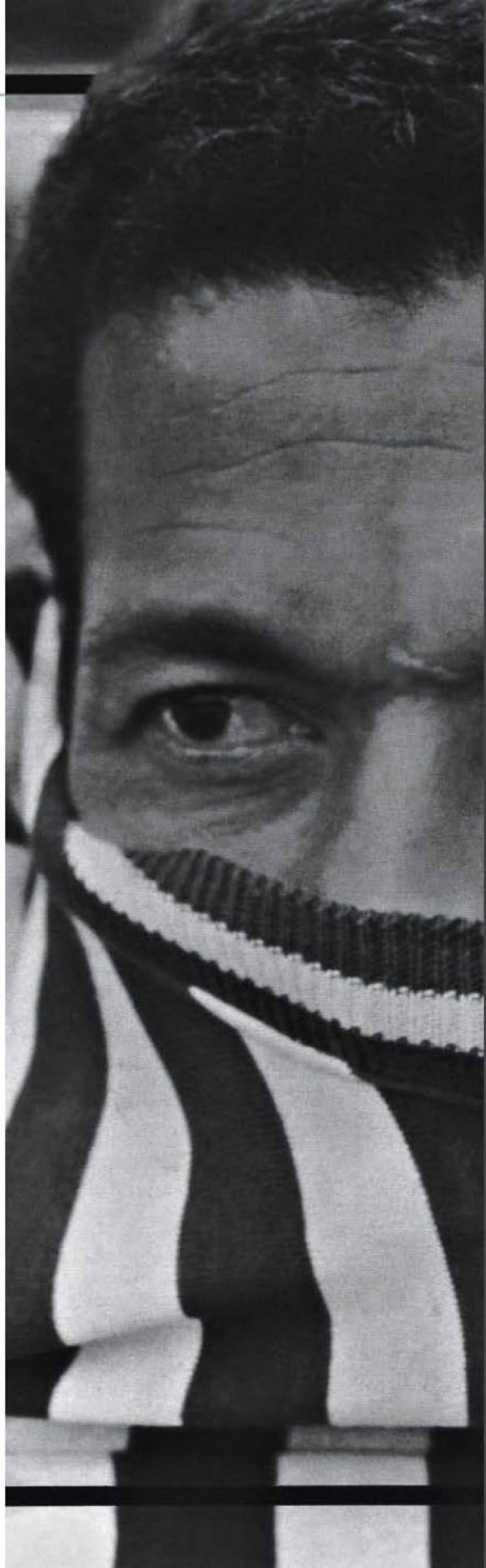
Uma dupla de repórteres de PLACAR foi à pequena cidade de Halmstad conhecer o menino que o genial ponta concebeu durante uma excursão do Botafogo à Europa, em 1959

Em fevereiro de 1999, PLACAR dedicou uma capa a Garrincha, que havia morrido dezesseis anos antes. Numa das reportagens daquela edição, o jornalista carioca João Máximo — que segue colaborando com o jornal *O Globo*, aos 86 anos — escreveu o seguinte sobre o anjo das pernas tortas: "Garrincha sempre foi um mistério, como craque e como ídolo. Não surpreende que jovens que não o viram jogar, a não ser pelas poucas imagens filmadas que restam dele, o elejam. Porque os dribles de Garrincha, seu passar por cima da bola, sua corrida até a linha de fundo, seus cruzamentos para Vavás e Amarildos marcarem seus gols, tudo isso tem pouco a ver com a perenidade do ídolo, amado hoje como há quatro décadas. O craque Garrincha foi um pouco como o Brasil: analfabeto, caipira, pés descalços, mais esperto que inteligente, intuitivo, pouco saudável". Um pouco, enfim, como um Macunaíma a atrair permanente atenção, dentro e fora de campo, na habilidade com a pelota e na inabilidade com as coisas da vida.

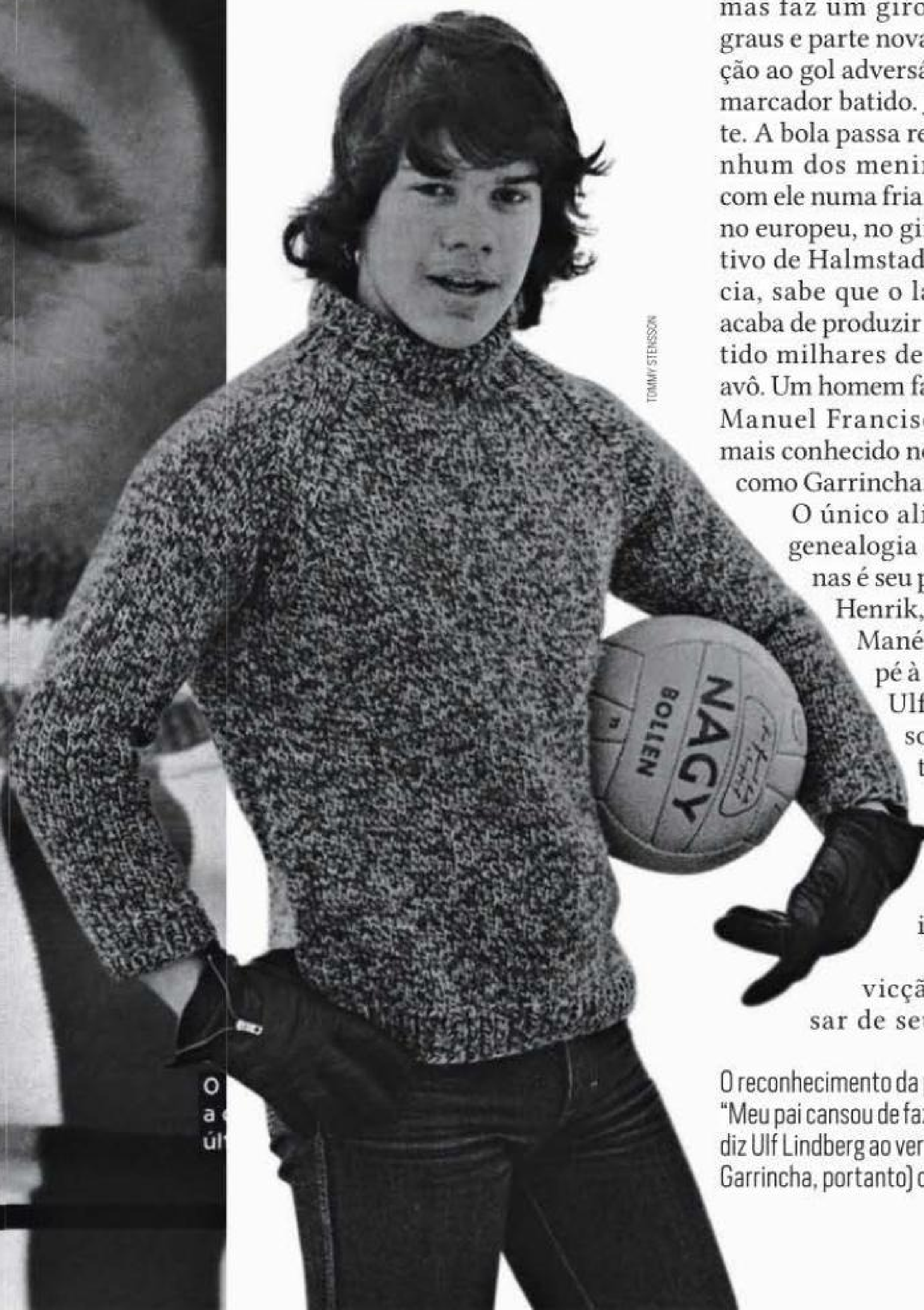
Naquela reportagem da virada do século, a equipe da revista havia conseguido uma exclusividade mundial: localizar o filho que Garrincha teve na Suécia, fruto de uma noite de sexo com uma jovem local quando o Botafogo excursionou pelo país um ano depois de o Brasil vencer a Copa do Mundo pela primeira vez, em 1958, em Estocolmo. O texto foi assinado pelo repórter Ronaldo Soares, com fotografias de Alain Azambuja. Os dois encontraram o rapaz na pequena cidade de Halmstad, próxima à fronteira com a Dinamarca. Quarenta anos antes, em maio de 1959, o Fogão perdera para o AIK por 1 a 0. No dia 21, o elenco estava em Umea, no norte do país. Naquela noite, de festa e alegria pela presença dos brasileiros, Garrincha conheceu a mãe de Ulf, o personagem do texto principal de PLACAR, então com 39 anos de idade. O segundo amistoso terminou com vitória do Botafogo por 3 a 1 sobre o CK. Curiosamente, foi nesse jogo que o ponta-direita anotou seu único gol na excursão, que passou por outras sete nações europeias.

Ulf foi o décimo-terceiro filho reconhecido por Garrincha, que teve oito meninas com Nair Marques, mais um menino com a cantora Elza Soares, uma garota com Vanderléia Vieira (sua última companheira) e mais um casal com uma amante, Iraci. A história do "filho perdido" você lê nas próximas páginas. É um modo de entender um dos mais fascinantes personagens da história do futebol.

ACERVO PLACAR

João Máximo, jornalista esportivo: "O craque foi um pouco como o Brasil: analfabeto, caipira, pés descalços, mais esperto que inteligente"

O FILHO SUECO DE GARRINCHA

Ele nunca viu o pai, foi deixado num orfanato e sofre de uma grave doença. Esta é a história de Ulf Lindberg, que estava sumido havia 22 anos e agora revela toda a verdade pela primeira vez

Ronaldo Soares, de Halmstad
Fotos **Alain Azambuja**

O franzino Jonas Lindberg, 12 anos, domina a bola pela direita do ataque, próximo à lateral. Tem a marcá-lo um moleque da mesma idade, mas de porte físico bem mais avantajado. Jonas recua um ou dois passos com a bola em direção ao seu próprio campo, mas faz um giro rápido de 180 graus e parte novamente em direção ao gol adversário, deixando o marcador batido. Jonas chuta forte. A bola passa rente à trave. Nenhum dos meninos que jogam com ele numa fria manhã de outono europeu, no ginásio poliesportivo de Halmstad, litoral da Suécia, sabe que o lance que Jonas acaba de produzir havia sido repetido milhares de vezes pelo seu avô. Um homem famoso chamado Manuel Francisco dos Santos, mais conhecido no mundo inteiro como Garrincha.

O único ali a identificar a genealogia do drible de Jonas é seu pai, Ulf Lindberg Henrik, o filho sueco de Mané Garrincha. Em pé à beira da quadra, Ulf abre um largo sorriso e comenta, orgulhoso, a jogada do menino:

— Meu pai cansou de fazer isso em campo...

Ulf tem a convicção de que, apesar de seu filho não ter

O reconhecimento da paternidade: "Meu pai cansou de fazer isso em campo", diz Ulf Lindberg ao ver o filho (neto de Garrincha, portanto) correr com a bola

pernas tortas nem outro traço fisionômico que o faça lembrar Garrincha, o menino herdou a principal característica que celebrizou o avô: a intimidade com a bola. "Quando ele corre, os mais antigos dizem que o jeito é muito parecido com o de Garrincha", conta Ulf.

Para ele, a perpetuação dos dribles de Garrincha nos pés de Jonas não é só motivo de orgulho. Serve também de conforto para uma frustração que Ulf amargou ainda na infância: ele não pôde realizar o maior sonho de sua vida, que era seguir a carreira do pai, em razão de uma doença óssea que o impede de exercer qualquer atividade física por mais de 15 minutos consecutivos. A doença obrigou Ulf a parar de jogar aos 14 anos de idade, mas não o impediu de continuar ligado ao esporte, que ele define como "a coisa mais importante" da sua vida.

Não é exagero da parte de Ulf, hoje com 39 anos. Ele simplesmente respira futebol. Além de dirigir uma escolinha para meninos da cidade, Ulf Lindberg trabalha como administrador de um clube de Halmstad, o Frennarp. E, para completar, é casado com a presidente de outro clube de futebol, Anette Johansson. "Ela é presidente e eu sou treinador. Em casa não falamos de outra coisa. O futebol é a minha vida", define.

É justamente ao futebol que Ulf deve sua existência. Ele é fruto de uma escapulida de Garrincha durante a excursão do Botafogo, em 1959, pela Europa, cujo ponto inicial era a Suécia — onde, um ano antes, o Brasil conquistara sua primeira Copa do Mundo. Ele acredita que foi em Umea, no norte do país, que seus pais vieram a se encontrar. "Numa noite, Garrincha saiu, conheceu uma garota e...", conta Ulf, completando a frase com gestos.

Há quarenta anos, Umea era uma pequena cidade litorânea de 50 000 habitantes, cujos moradores gostavam de banhos nos lagos da região, pescaria, passeios pelas florestas, hóquei sobre patins e, como todos naquele país vice-campeão mundial, futebol. A chegada do grande Botafogo, base da seleção brasileira, foi um grande acontecimento e muita gente correu para assistir ao treino dos visitantes. Para os jogadores, porém, ali era apenas a segunda etapa da excursão de 55 dias. Apesar do frio de 2 graus em Umea, que deixou vários botafoguenses no hotel, Garrincha não abandonou sua rotina de viagem. Sempre que chegava a uma cidade diferente, ele colhia algumas informações com gestos e, de largo sorriso no rosto, anunciava aos companheiros que havia descoberto o endereço do bordel: "Pessoal, já sei onde é a casa das Marocas".

Naquele 21 de maio, Garrincha deixou o hotel e só voltou na alta madrugada, para a ira do técnico João Saldanha. "Ele era liberal, não ligava que a gente fosse passear", conta o ex-meia Pampolini, 66 anos, participante da excursão e hoje administrador do Maracanãzinho. "Só exigia que todo mundo voltasse até as 22 horas."

Dessa vez, porém, Garrincha não tinha ido à "casa das Marocas". Na biografia do craque, *Estrela Solitária*, o autor, Ruy Castro, conta que Garrincha conhece uma garota que o levou para casa. Enquanto os pais dela assistiam à televisão, o novo casal se divertia debaixo dos lençóis. Outro jogador botafoguense, o hoje técnico Zagallo, não confirma, mas acha a hipótese plausível. "Já naquela época qualquer mocinha da Suécia era dona de si", lembra. "Fazer amor lá era como almoçar e jantar. Era fisiológico, não tinha sacanagem."

O amor podia ser livre, mas tinha suas regras, como os brasileiros descobriram na manhã seguinte, quando duas policiais femininas foram ao hotel procurar Garrincha. "Pronto, vão prender o Mané", pensou o ex-lateral-esquerdo Nílton Santos. Nada disso. A pedido dos pais da moça, elas apenas queriam colher amostras do sangue de Garrincha, o que foi feito sem problemas. "Depois ficamos sabendo que o governo sueco só paga pensão a filhos de mãe solteira desde que se conheça, por nome e sobrenome, o pai da criança", diz Zagallo, que comete uma indiscrição. "Tem outro campeão do mundo que deixou filho na Suécia também." E quem eram os preferidos das mulheres? "Elas adoravam os escurinhos como o Didi", lembra Zagallo, citando o grande meia, eleito

FOTOS ARQUIVO DO ESTADO / ÚLTIMA HORA

Na Europa, chamando atenção: com crianças no hotel em que se hospedou a seleção campeã da Copa de 1958 *(à esq.)*, um ano depois, sob o olhar de garotas suecas entusiasmadas com a habilidade e o "exotismo" do craque e com o time do Botafogo que excursionou pela Escandinávia

craque da Copa de 1958, lá mesmo, na Suécia.

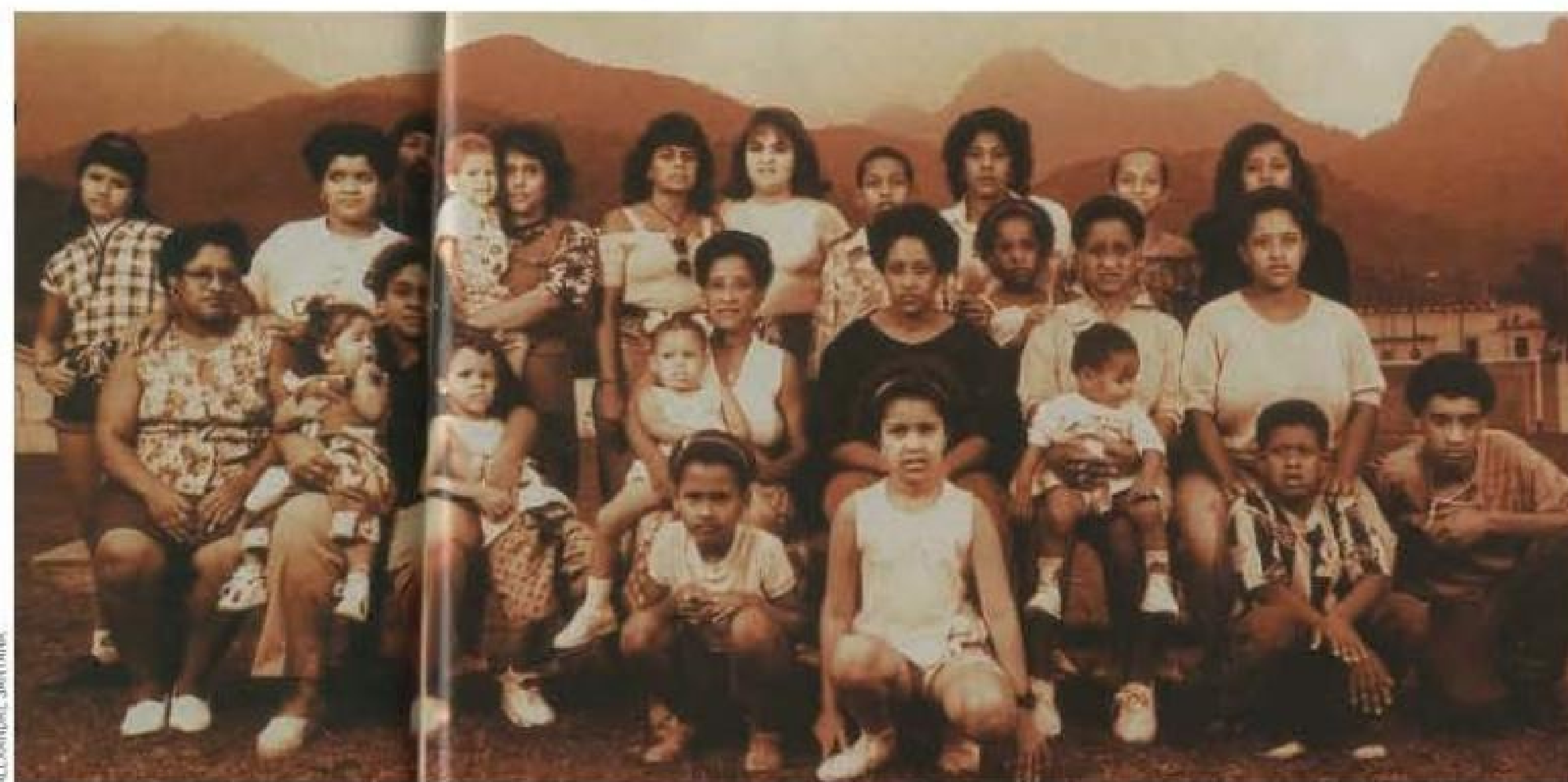
No dia 23 de maio, o Botafogo seguiu na excursão. Garrincha deixou para trás uma amostra de sangue e, sem saber, um filho. Assim, em 10 de fevereiro de 1960, quando o ponta se metia em outra excursão, dessa vez pela América Latina, nascia o pequeno Ulf, que nunca viria a conhecer pessoalmente o pai famoso. Nem a mãe, que permanece anônima até hoje. Apesar de ser considerada uma sociedade de costumes liberais, a Suécia daquela época não via com bons olhos o fato de uma mulher solteira engravidar. Além disso, praticamente não havia creches onde as mães solteiras pudessem deixar seus filhos enquanto estivessem trabalhando. Não é de estranhar, portanto, que Ulf tenha sido entregue aos cuidados de um orfanato da cidade.

Até hoje, Ulf pouco sabe sobre sua mãe biológica. "Dizem que ela era muito jovem quando eu nasci e se chamava Bloon, que significa flor em sueco", diz Ulf. Ele jamais procurou saber mais detalhes sobre sua mãe em respeito à decisão que ela tomou na época. "Ela deve ter tido os motivos dela para não ficar comigo", justifica.

Aos 9 meses, Ulf foi adotado por uma família de classe média de uma cidade perto de Umea, Skelleftea, onde viveu parte da infância. O bebê foi batizado com o nome do pai adotivo, mas também não chegou a ficar muito tempo em contato com ele: ainda na infância, seus pais se separaram e o filho de Garrincha se mudou com a mãe, Margareta Lindberg, para Halmstad.

Situada no oeste do país, Halmstad é um dos balneários mais procurados pelos suecos durante as férias do verão. A cidade, de 85 000 habitantes, também é famosa por ser o berço do grupo pop Roxette. Foi em Halmstad, quando ainda era criança, que Ulf soube, pela mãe adotiva, quem era seu verdadeiro pai. A revelação deixou o menino orgulhoso. A ponto de ele começar a enxergar semelhanças entre os dois até mesmo no futebol.

"Eu não tinha perna torta nem nada, mas meu jeito de driblar e de correr era parecido", jura Ulf. "Eu era bom. Jogava de ponta-direita, claro, mas também sabia atuar pelo meio. Tudo, menos ser zagueiro. Fui o melhor do time da escola até os 14

ALEXANDRE SANTANA

Álbum de família: em rara fotografia, as dez filhas de Mané Garrincha reunidas; além de Ulf, conhecem-se outros doze filhos do jogador, nascidos de relacionamentos com a primeira mulher, Nair, a cantora Elza Soares, a amante Iraci e Vanderléia, a última companheira. O anjo das pernas tortas morreu em janeiro de 1983, com apenas 49 anos de idade

anos, mas tive de parar por causa da doença." Embora se sentisse honrado por ser filho de um dos maiores jogadores do mundo, Ulf manteve tudo em segredo. Até que, em 1977, pouco depois de completar 17 anos, o fato veio a público por iniciativa do próprio Garrincha, que contou a um jornalista inglês sobre um filho que tinha na Suécia.

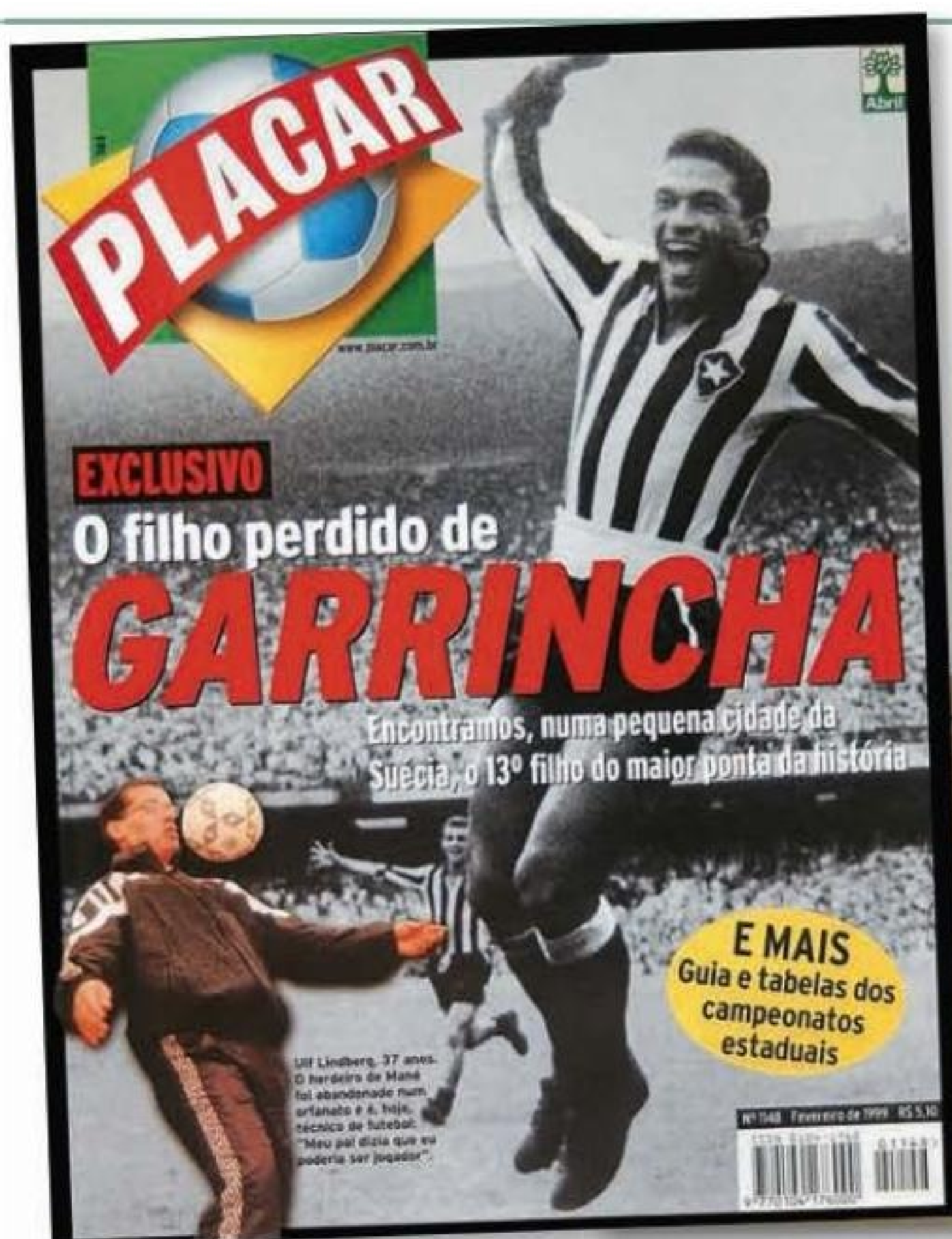
Foi também nessa época que Ulf e Garrincha mantiveram um curto contato, por correspondência. O conteúdo das cartas do pai — escritas em inglês por um amigo da Legião Brasileira de Assistência (LBA), onde Garrincha trabalhava — se restringia a alguns conselhos. "Ele dizia que, se eu fosse bom, poderia virar jogador profissional", lembra Ulf, que não sabe "onde foram parar as cartas".

Garrincha até fez planos para o futuro do garoto. Queria transferi-lo para o Brasil e colocá-lo no futebol carioca, sob sua orientação. "Parece ser um bom rapaz. Tem sentimento. Pelo menos me escreve dando notícias e mandando retratos", disse em uma entrevista na década de 70. Apesar de só conhecer Ulf por fotos, Garrincha dizia o contrário para a sua última mulher, Vanderléia Vieira, com quem vivia na época em que chegaram as cartas. "Ele falava que tinha feito esse filho na Copa de 1958, quando a seleção passou três meses lá", conta Vanderléia. "Ele contava que morou com uma cabeleireira e que ela era a mãe do garoto." Mais uma das inocentes mentiras de Mané. Nem sequer o nome de Ulf ele lembrava. Referia-se ao filho sueco do mesmo modo que chamava seus marcadores: João. Mas com sotaque estrangeiro, é claro. Cansou de dar entrevistas chamando Ulf de "meu filho Johnny, da Suécia".

Apesar de a troca de correspondência entre pai e filho não ter durado mais do que "duas ou três cartas", Ulf sempre acompanhou, pela imprensa, a trajetória do pai. Foi também por intermédio da imprensa, e da forma mais desagradável possível, que ele ficou sabendo da morte de Garrincha, há dezesseis anos. "Os jornalistas cercaram a minha casa e permaneceram de vigília a noite inteira. No dia seguinte tive de sair correndo, com os paparazzi atrás", recorda.

Embora não tenha guardado as cartas do pai, Ulf possui documentos valiosos que registram a passagem do Botafogo pela Suécia em 1959, como uma foto autografada por todo o time (que, além de Garrincha, tinha estrelas como Didi, Amarildo, Nílton Santos e Zagallo). Mesmo sem entender português, ele trata como peça mais valiosa da sua estante o livro *Estrela Solitária*, presente que ganhou de um time brasileiro que disputou um torneio infantil na Suécia no ano passado. Ele guarda também matérias de jornais que estampavam escândalos da vida pessoal de seu pai.

ACERVO PLACAR

Em 1999: Ulf Lindberg em Halmstad, na Suécia, com os filhos Karl, Jonas e Martin

A capa e páginas de PLACAR de fevereiro de 1999, dezesseis anos depois da morte do camisa 7: reportagem exclusiva e emocionada que rodou o mundo e ganhou prêmios

ACERVO PLACAR

As outras referências sobre Garrincha Ulf carrega em seu código genético. Com 1,75 metro de altura, tez morena, cabelo escuro e crespo e olhos castanhos, Ulf Lindberg destoa na paisagem sueca, em meio a um mar de gente alta, loura e de olhos azuis. Porém, o contraste, que evidencia uma ascendência que nada tem a ver com os escandinavos, jamais foi citado nas rodas de conversa com os amigos. Em Halmstad, toda a vizinhança sabe que aquele homem de fala mansa, que anda sempre com passos decididos e de peito estufado, é o filho de Garrincha, mas dificilmente alguém toca no assunto com ele. "Aqui na Suécia é aquela história: todo mundo sabe, mas ninguém comenta", explica Ulf.

Além disso, ao contrário do pai, o comportamento de Ulf não é motivo para comentários na vizinhança. Ele leva uma vida confortável, mas sem grandes luxos, ao lado de Anette, os dois filhos do primeiro matrimônio (Jonas, de 12 anos, e Martin, de 10), seu enteado, Karl, de 10 anos, e o casal de gêmeos Henrik e Linnea, de 11 meses, fruto de seu atual casamento. A família mora numa casa de cinco cômodos na região central de Halmstad.

A rotina de Ulf é a de um típico pai de família sueco. Pela manhã, ele sai para trabalhar no Frennarp (clube da segunda divisão sueca, onde é administrador). À tarde, volta para casa e ainda ajuda a mulher (que divide seu tempo entre os afazeres domésticos e as tarefas como presidente do Leikin, clube recreativo da cidade) a cuidar da casa. Nos fins de semana, Ulf coordena os trabalhos da escolinha para meninos de até 12 anos no Leikin, da qual participam 34 jogadores mirins.

Se tivesse tido a oportunidade de estar com Garrincha, Ulf contaria para ele a série de "coincidências" entre os dois. A exemplo do pai famoso, Ulf gostava de fumar. "Eu também sofri um acidente com um carro americano, sendo que a parte mais atingida na colisão foi o lado direito", conta. Em 1969, Garrincha teve um acidente grave. O carro era brasileiro, mas de nome estrangeiro, um Galaxie. Sem falar que os outros dois filhos homens do ponta (Neném e Garrinchinha) morreram em acidentes automobilísticos. "Além do mais, ele gostava de mulher", completa Ulf. "Quem não gosta?"

Na série de coincidências, só faltou incluir um "esporte" em que Garrincha era especialista e no qual Ulf também tem se saído muito bem: fazer filhos. Ao ser lembrado que havia esquecido um item na lista, Ulf recua, com a convicção de quem sabe que quem está falando.

Ah, mas aí não dá para competir com ele. Nisso ele era imbatível. ■

A INVENÇÃO DO FUTEBOL

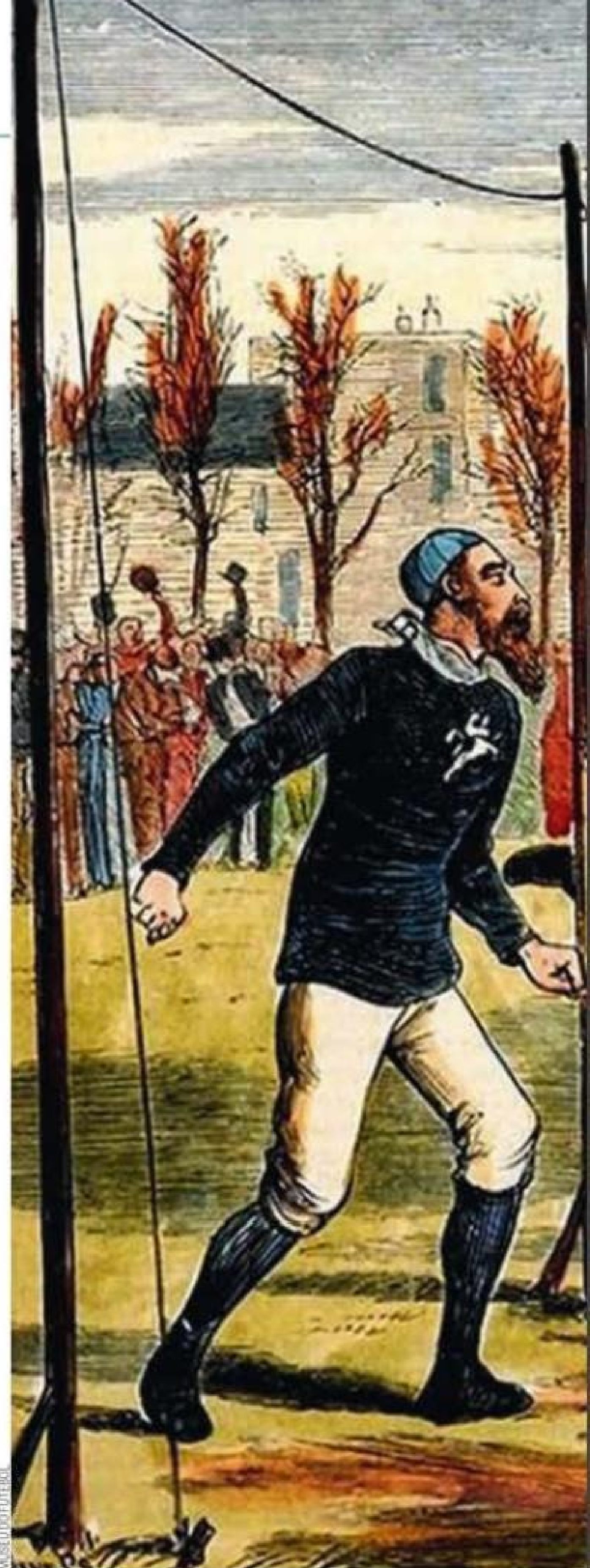
Aos 75 anos, Mario Prata comemora seis décadas de carreira como jornalista e escritor com *O Drible da Vaca,* um romance histórico sobre as origens do esporte na Inglaterra da Era Vitoriana

Alessandro Giannini

Em meados de abril, o escritor Mario Prata, de 75 anos, propôs uma enquete a seus quase 5 000 amigos no Facebook: "Vou lançar um romance sobre a invenção do futebol, mas é ficção. E é engraçado. A história — tem até um caso de amor no meio — se passa em 1859, na Universidade de Cambridge, no Reino Unido. O livro sai em agosto pela editora Record". Participaram da votação em três etapas cerca de 400 pessoas. A decisão final foi tomada pelo autor e seus editores. Entre "A Invenção do Futebol" e "O Véu da Noiva", passando por "Com os Pés" e "Cambridge, 1859", vingou o sugestivo título *O Drible da Vaca.*

Elementar: o dr. Watson, o parceiro de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, é o narrador onipresente

O drible da vaca, todo leitor de PLACAR sabe de cor e salteado, é aquele lance em que o jogador toca a bola de um lado e sai pelo outro, enganando espetacularmente o adversário. Não há, portanto, melhor maneira de resumir o romance que marca os sessenta anos de carreira de Prata. Ele dribla os leitores, dribla a história, dribla a si mesmo e gol! Mineiro de Uberaba, o autor foi criado em Lins, no interior de São Paulo, onde começou na profissão de jornalista aos 14 anos, em um jornal local. Morando hoje em Florianópolis, ele diz ter tido a ideia do livro quando, um dia, cismou com o tamanho do gol de futebol de campo. Em três minutos, não mais do que três minutos, segundo suas próprias contas, descobriu na internet que o arco sob o qual ficam os goleiros tem as mesmas medidas que o portão principal da Universidade de Cambridge, na Inglaterra: 8 jardas por 8 pés, ou, no nosso sistema, 7,32 metros por 2,44 metros.

Prata se diz um "tarado por futebol". A obsessão pelo esporte vem desde os 6 anos, quando viu o valoroso Linense, o Elefante da Noroeste, subir para a Primeira Divisão paulista em 1952 — um feito inédito na trajetória do clube. A partir de então, ele começou a frequentar os estádios em companhia do pai e não parou mais. No seu extenso currículo, entre crônicas, romances, roteiros de cinema e novelas de televisão, o autor havia escrito apenas um conto sobre o tema, *Palmeiras, um Caso de Amor,* sobre um corintiano que se apaixona por uma palmeirense. Em 2005, Bruno Barreto adaptou-o para o cinema, como

Realidade e ficção: ambientado entre 1859 e 1863, o romance é um passeio pelos primórdios do esporte bretão

O Casamento de Romeu e Julieta. Mas não foi o suficiente.

O Drible da Vaca é outra conversa, em todos os sentidos. Trata-se de um romance histórico, que o autor chama de “alternativo”, sobre as origens do futebol na Inglaterra da Era Vitoriana. Começa em 1859, na Universidade de Cambridge, onde o denominado esporte bretão como o conhecemos hoje teria sido criado. E vai até 1863, quando representantes de várias universidades e cidades

O Drible da Vaca, de Mario Prata; Editora Record; 384 págs.; 49,90 reais

inglesas se reuniram em um pub da maçonaria em Londres para uniformizar as regras e fundar a Football Association — primeira encarnação da Fifa. “Eu queria fazer uma coisa que o leitor ficasse sempre em dúvida se é verdade ou se é mentira”, diz Prata, em entrevista por vídeo a PLACAR.

O que acontece nesses quatro anos, quando o jogo se espalha pelo Reino Unido, é narrado por ninguém menos que John H. Watson. Sim, ele mesmo, o personagem

criado por Arthur Conan Doyle para narrar os casos e aventuras do icônico detetive Sherlock Holmes. Watson não é o único personagem ficcional que se mistura a figuras históricas como a rainha Vitória, seu filho Edward, o ator Charles Laughton e a feminista e sufragista inglesa Sarah Emily Davies. Além do colega, amigo e colaborador de Holmes, o poema *Finnegans Wake* e o heroico Leopold Bloom, ambas criações de James Joyce, também se materializam no meio da narrativa para confundir e fazer rir.

Muita informação, escreve Prata no que intitula "Interfácio", é real, como a sala de maconha da rainha Vitória, a criação da bola formada por doze pentágonos e vinte hexágonos e até o surto de cólera em Londres. Sobre outras histórias, no entanto, como as invenções da "banheira" para significar impedimento e do gandula que corre para buscar as bolas perdidas, já não dá para ter tanta certeza. A graça está nesse bate-bola divertido entre realidade e ficção. ■

DE ECONOMISTA A ESCRITOR

Prata conta por que escolheu Watson para costurar seu romance histórico e quem foi a personalidade que o leu pela primeira vez — e o considerou maravilhoso

DIVULGAÇÃO

Mario Prata: apaixonado por futebol desde cedo

O livro tem muita pesquisa. Quanto tempo durou o trabalho? A pesquisa começou em 2018, justamente porque queria saber a razão do tamanho do gol. Fui escrevendo algumas cenas e descobri que não sei nada da Inglaterra, onde nasceu o futebol moderno. Fui uma vez a Londres e não saí de onde estava com medo de ser atropelado por aqueles carros que andavam ao contrário. Nunca mais voltei. Terminei de escrever em 2020, por causa da pandemia. Se não fosse por isso, não teria terminado. Estaria pesquisando até hoje.

Por que escolheu o Watson para narrar a aventura? Sempre tive uma dó do Watson, do Sherlock Holmes, que passou uma vida escrevendo os casos do amigo e nunca escreveu um caso dele. Então, fui pedir para o Watson. Ele escreve o livro em 1894, durante o grande hiato em que o Arthur Conan Doyle resolveu matar o Sherlock. Como estava sem fazer nada, registrou essa história de quando era professor na Universidade de Cambridge.

***O Drible da Vaca* conversa com *O Xangô de Baker Street*. Falou com o Jô Soares sobre isso?** Conversei com ele porque queria saber se teve problemas de direitos autorais por causa do Sherlock, o que não aconteceu. Ele não só leu como mandou uma mensagem dizendo: "O livro é maravilhoso. Só tem um defeito: não fui eu que escrevi!". Foi o meu primeiro leitor e também fez comentários. Depois disso, mexi um pouco.

É seu primeiro romance histórico? Sim, nesse formato é, apesar de haver também mistério na história. Depois de ler 890 romances policiais ao longo de muitos anos, tentei esse tipo de literatura. Escrevi uns três ou quatro livros no gênero. Cheguei à conclusão de que não ia dar um bom autor policial. Esse pessoal que está na minha parede é muito genial. *(Mostra o escritório, recheado de estantes, das quais uma é tomada por volumes do autor belga Georges Simenon.)*

Como é fazer sessenta anos de carreira? Quando resolvi ser escritor, eu já tinha uma certa idade. Tinha uns 20 anos, estava no terceiro ano da faculdade de economia da USP — fui aluno do Delfim Netto — e trabalhava no Banco do Brasil. Aos 23 anos, escrevi uma peça de teatro, *Cordão Umbilical*, que foi montada em 1970, no Rio e em São Paulo, com elenco e diretores diferentes. Por um rabo meu, deu tudo muito certo. Se tivesse dado errado, poderia estar no lugar do Paulo Guedes hoje. Essas histórias vou contar numa espécie de livro de memórias que estou escrevendo.

COM QUE COR EU VOU?

Decisão da Federação Italiana de proibir o verde a partir de 2022 leva o debate sobre a interferência nos uniformes de times e seleções a outro patamar

O verde da Lazio de Ciro Immobile: na próxima temporada, não vai poder ser usado

FRANCO ROMANO/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Luiz Felipe Castro

No princípio, os times entravam em campo com suas cores tradicionais. Havia apenas uma camiseta reserva, para o caso de enfrentar um adversário de uniforme semelhante. A Fifa, então, decidiu que os jogadores não podiam atuar com nenhuma peça da mesma cor. Foi assim que o Brasil derrotou a Alemanha na final da Copa de 2002 com meias azuis, já que a tabela do torneio considerava os alemães como "mandantes" da partida e, portanto, entravam de camisa branca, calção preto e meias brancas.

Mais tarde, veio a determinação de ter uma seleção "predominantemente clara" e a outra "predominantemente escura", para não confundir os espectadores que assistem ao jogo pela televisão. Por isso, na semifinal de 2014, os brasileiros jogaram de amarelo, azul e branco — e nossos algozes enfiaram 7 a 1 em tons de preto e vermelho. Mais recentemente, na Euro disputada em junho, o escrete germânico atuou todo de branco contra a França (camisas e calções azuis, meias vermelhas). Idem com nossos vizinhos argentinos, que raramente se exibem com o tradicionalíssimo calção preto combinando com a camisa listrada em branco e azul (aliás, o celeste está cada vez mas pálido, quase alvo).

Por causa da regra criada pela Fifa, em 2015 a Nike teria desenhado calções amarelos para o Brasil, mas a CBF vetou a mudança. E, desde a Copa de 2018, quando Rússia e Arábia Saudita se enfrentaram na fase de grupos, a polêmica atingiu um novo nível. Os donos da casa estavam de vermelho com calções brancos, enquanto os sauditas, totalmente de verde. Ocorre que as pessoas que sofrem de daltonismo (problema de visão ligado à dificuldade para diferenciar cores) enxergam vermelho e verde como se fossem a mesma coisa.

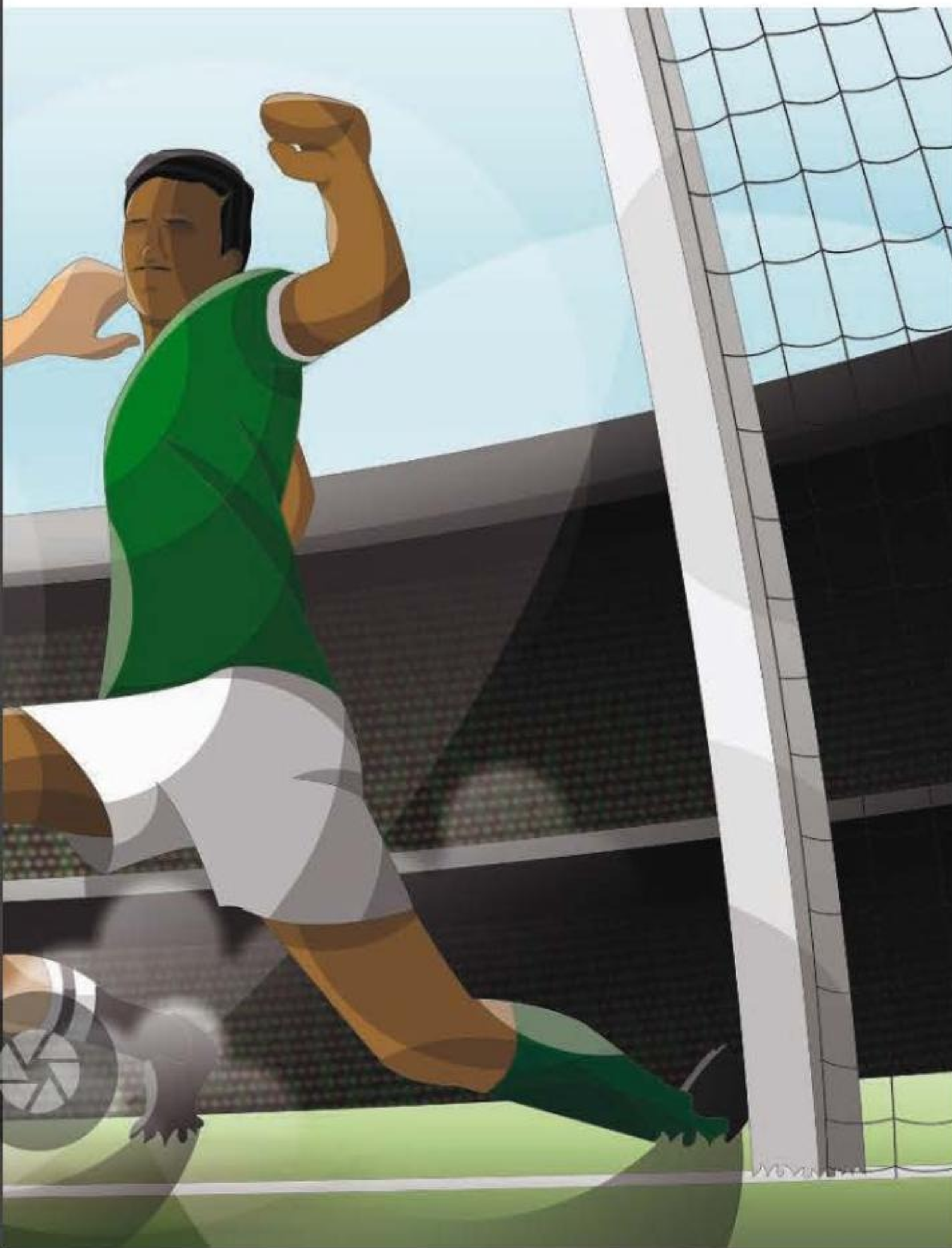
Nos campeonatos europeus de clubes, observa-se a mesma tendência de redefinir os uniformes, de um jeito que muitos já chamam de "monocromático". No dia 15 de julho, a Federação Italiana de Futebol avançou mais uma casa nessa polêmica: simplesmente proibiu o uso de verde a partir de 2022 nos jogos da Série A, a primeira divisão local. A justificativa? Para não confundir com a grama e os painéis de publicidade (que, em alguns casos, utilizam uma técnica chamada de chroma-key, em que o verde "desaparece" na transmissão).

"As cores dos clubes, muitos deles centenários, são como um pedaço do corpo", criticou Renê Salviano, especialista em marketing esportivo. "Torcedores compram roupas, acessórios e até carros na cor do time de coração, não faz sentido proibir o uso de uma cor." Diante da gritaria, os dirigentes italianos avisaram que a medida se limita a uniformes reservas e que, portanto, o Sassuolo, único clube da elite local a vestir verde na roupa titular, não será afetado. Fosse por aqui, a decisão causaria maiores problemas. No Brasileirão 2021, cinco times têm o verde no uniforme principal: Palmeiras, Juventude, Cuiabá, América-MG e Chapecoense. ■

LINHA ATACANTE DE RAÇA

Enfim, uma das cenas mais celebradas da história do Palmeiras: o gol de empate contra a Juventus, no Maracanã, na conquista da Copa Rio de 1951 — o Mundial reivindicado pelo Verdão

Luiz Felipe Castro Ilustração **Pedro Nuin**

Para os palmeirenses, o dia 22 de julho de 1951, um domingo, foi como o da tomada do Monte Castello com a ajuda das Forças Expedicionárias Brasileiras nos estertores da II Guerra. Naquele data, e lá se vão 70 anos, o Verdão conquistou a Copa Rio, com um empate de 2 a 2 contra a Juventus, da Itália, diante de mais de 100 000 torcedores no Maracanã. A equipe brasileira jogava por um empate,

Decidi retratar a cena como se houvesse uma câmera dentro do gol, e me atentei a detalhes como a trave quadrada, o meião e o bigodinho do Liminha"

depois de vencer o jogo de ida por 1 a 0. Os italianos ganhavam por 2 a 1, até que Liminha igualou o marcador aos 32 minutos do segundo tempo. Naturalmente, há escassos registros, todos em preto e branco, do lance histórico. Por isso o artista Pedro Nuin, 33 anos, que se dedica a dar vida a momentos marcantes do esporte, decidiu recriá-lo minuciosamente.

A ideia de retratar o lance surgiu das intermináveis controvérsias relacionadas ao campeonato, organizado pela Fifa, e que os alviverdes dizem valer por um título mundial de clubes. "Desde que comecei a ter um certo destaque nas redes sociais, muitos torcedores de outros clubes me pediam, como forma de piada, que eu fizesse um lance do título mundial do Palmeiras", diz o ilustrador. "Era uma brincadeira, coisa normal de rivais, mas achei que realmente seria interessante recuperar um momento pouco conhecido. Independentemente da nomenclatura, é histórico."

A ausência de referências virou incentivo para vasculhar mundos e fundos. "Pedi ajuda ao jornalista Celso Unzelte, a ilustradores experientes como Marco Sousa, até que finalmente descobri um vídeo e uma sequência de fotos que me ajudaram a entender como foi o lance", diz. "Decidi retratar a cena como se houvesse uma câmera dentro do gol e me atentei a detalhes como a postura dos jogadores, ao fato de a trave ser quadrada e a rede preta, ao meião do Palmeiras em tom mais escuro que a camisa, à cal que sobe na disputa da bola e ao bigodinho do Liminha."

Naquela partida, em que o Palmeiras devolveu o orgulho ao futebol brasileiro, um ano depois da derrota para o Uruguai na final da Copa de 1950, o time entrou em campo com Fábio Crippa, Salvador Cardelli, Juvenal Amarijo, Túlio Affini, Luís Villa, Dema Lucazechi, Eduardo Lima, Ponce de Léon, Liminha, Jair Rosa Pinto e Rodrigues Tatu. Mas e a questão que não quer calar? "Se é ou não Mundial, eu deixo para a discussão dos torcedores, mas esse gol existiu e teve uma importância muito grande", resume o artista. É vespeiro, realmente. Convém não cutucá-lo. Mas palmeirense que se preze tem agora aquele gol para chamar de seu, para guardar com carinho, resultado do afinco de um profissional incansável. ■

HARMONIA DA DEMOCRACIA

A ideia era mostrar os corintianos de 1982 "jogando por música". E depois de um treino qualquer, eis os grandes mosqueteiros alvinegros como um quarteto clássico numa imagem para lá de rock and roll

Fábio Altman

"Me liga", escreveu o Casão no WhatsApp assim que recebeu a imagem escolhida por PLACAR para ilustrar A História de uma Foto. A seu feitio, roqueiro e paulistaníssimo, ele não teve dúvida, nem mesmo pediu licença pelo baixo calão: "Curti pra caralho a ideia".

Ela brotou numa das reuniões de pauta da revista, em 1982, no auge da Democracia Corinthiana. O plano: uma cena que representasse a qualidade daquele meio de campo e ataque, que jogava por música. Foram escalados Casagrande, Sócrates, Biro-Biro e Zenon. "E se eles posassem como um

Sócrates, Casagrande, Zenon e Biro-Biro no Parque São Jorge: Mozart, Beethoven, Bach e Brahms

NICO ESTEVES

quarteto clássico?", imaginou alguém. E a brincadeira foi posta para andar. "As fotos materializavam as expressões que tínhamos na cabeça", lembra Juca Kfouri, o então diretor de redação. "Se o Sócrates era o pensador, por que não tê-lo como a estátua do Rodin? Fulano carrega o piano? Então arrumemos um piano. Teve até o drible da vaca." Sim, e o extraordinário fotógrafo gaúcho Nico Esteves, o responsável pelo retrato da harmonia alvinegra, foi quem também registrou o ruminante sendo enganado pelo ponta-esquerda Zé Sérgio, do São Paulo — mas essa é fotografia para outra edição. Nico puxa daqui, busca dali para relembrar aquela manhã qualquer depois do treinamento. "O Sócrates, brincando, chegou a dizer que não precisava de partitura porque tocava de ouvido. O Casagrande, rindo muito, perguntou se não poderia trocar o violino por uma guitarra".

Mas o espantoso mesmo, aos olhos contemporâneos, é imaginar como quatro estrelas toparam, na cara e na coragem, encenar o que lhes foi sugerido, uns de chuteiras, outros de Kichute, todos na boa. Diz Casagrande: "Os jogadores de hoje, cercados por assessores e presos por dezenas de contratos de publicidade, achariam tudo um saco, não se divertiriam como nos divertimos. Aqueles instrumentos eram puro rock and roll". ■

A FORÇA DO PODER OLÍMPICO

Na década de 70, a Polônia ganhou uma medalha de ouro e uma de prata em Olimpíadas e um terceiro lugar (em cima do Brasil) em Copas

Luca Castilho

Os brasileiros começaram a ouvir falar da Polônia como país de bom futebol na Copa do Mundo de 1938, quando foi derrotada pela seleção brasileira de Leônidas da Silva pelo alucinante placar de 6 a 5 depois de uma prorrogação. Logo, o time da camisa vermelha submergiu com a II Guerra Mundial. Ressurgiria após o conflito como nação socialista. Os atletas tinham outras profissões ou ocupavam postos nas Forças Armadas, o que oficialmente lhes garantia o sustento, mas não havia profissionais no futebol. Nesse período, Iugoslávia, Checoslováquia, União Soviética e (acredite se quiser) Bulgária fizeram sucesso nos torneios olímpicos graças a essa vantagem na comparação com os países ocidentais, que não podiam mandar seus melhores craques na luta por medalhas. O renascimento da Polônia no cenário da bola começou em 1966, quando Kazimierz Górski (1921-2006) passou a comandar a seleção sub-23. Depois de quatro anos, o técnico disciplinador assumiu o time principal. Em 1972, nos Jogos de Munique, a máquina andou azeitada. Com Hubert Kostka no gol, os meias Leslaw Cmikiewicz e Kazimierz Deyna e os atacantes Robert Gadocha, Wlodzimierz Lubanski e Grzegorz Lato, os poloneses sobraram. Na primeira fase, golearam a Colômbia (5 a 1) e Gana (4 a 0) e derrotaram a Alemanha Oriental (2 a 1). Na segunda fase, empataram com a Dinamarca (1 a 1) e venceram a União Soviética (2 a 1) e Marrocos (5 a 0), garantindo a vaga na decisão. Na final, bateram a Hungria por 2 a 1, de virada.

O mundo do esporte passou, então, a ouvir falar da velocidade da Polônia, com contra-ataques mortais. Na Copa do Mundo de 1974, na Alemanha, a seleção polaca teve uma excelente primeira fase: 3 a 2 na Argentina, 7 a 0 no Haiti e 2 a 1 contra a Itália. Na segunda fase, venceu a Suécia (1 a 0) e a Iugoslávia (2 a 1), mas perdeu para a Alemanha Ocidental (1 a 0), ficando em segundo lugar no grupo. Foi disputar o terceiro lugar contra o Brasil de Rivellino, Jairzinho e Leão, que fora atropelado pela Holanda. Com um gol de Lato (artilheiro da Copa, com sete gols), venceu por 1 a 0. Em 1976, na Olimpíada de Montreal, no Canadá, a geração de ouro ficaria com a prata, derrotada pela Alemanha Oriental por 3 a 1. O técnico Górski deixou o cargo logo em seguida. Ainda assim, como eco de um tempo glorioso, a Polônia voltaria a ficar em terceiro lugar na Copa de 1982, na Espanha. ■

O escrete comunista do início dos anos 1970: Lato, Deyna e cia.

ACERVO UH/FOLHAPRESS

Faz mais um pra gente ver
Em 1972, o ano do título olímpico da Polônia, o sorriso aberto de dentes irregulares de **Fio Maravilha** fazia sucesso. Era tão popular que Jorge Ben Jor, então apenas Jorge Ben, levou ao Festival Internacional da Canção uma música em homenagem ao atacante do Flamengo. Quem a interpretou foi Maria Alcina. "Foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa / e a magnética agradecida assim cantava / Fio Maravilha, nós gostamos de você / Fio Maravilha, faz mais um pra gente ver". Anos depois, o jogador processaria Ben Jor por usar o nome sem autorização. E Fio Maravilha viraria "Filho Maravilha".

PETER ROBINSON/EMPICS/GETTY IMAGES

1. WALTER GREEN

Tabuleiro político

Era o auge da Guerra Fria, travada inclusive em torno de um tabuleiro de xadrez em Reykjavik, na Islândia. Ali, em setembro de 1972, o soviético **Boris Spassky** perdeu o título mundial para o americano **Bobby Fischer,** que acusava os adversários de facilitarem as partidas entre conterrâneos.

O horror, o horror

A **Olimpíada** de Munique de 1972, a da magnífica Polônia, ficou marcada para sempre pelo atentado de um grupo terrorista palestino contra a delegação de Israel, em plena Vila Olímpica. Era o horror em oposição a outro grande nome dos Jogos: o bigodudo nadador Mark Spitz.

KEYSTONE/GETTY IMAGES

SÉRGIO SADE

Depois do atropelamento holandês em 1974

Um caminhão passou pelo Brasil e o treinador Zagallo mal teve tempo de anotar a placa de origem holandesa que atropelara a canarinho por 2 a 0, e cabia mais. A seleção disputaria o terceiro lugar contra a Polônia na Copa de 1974. Foi melancólico. **Os poloneses venceram por 1 a 0,** gol de Lato. Os brasileiros pareciam desanimados e desconectados no gramado. Pela primeira e única vez o grande Ademir da Guia fez uma partida de Mundial. Não foi nem sombra do que era no Palmeiras.

PAULO CEZAR CAJU

HORA DE TIRAR O BOI DA SOMBRA

Messi faria melhor indo para uma liga forte — a Premier League seria melhor que o campeonato francês. Apostar na facilidade é como jogar baralho na pracinha

“Uma carreira dedicada a apenas um clube, como a do goleiro Rogério Ceni, é impensável nos dias de hoje”

No passado, os jogadores passavam mais tempo em seus clubes e a identificação da torcida era natural, mas esse comportamento foi se modificando ao longo dos anos. Uma carreira dedicada a apenas um clube, como a do goleiro Rogério Ceni, no São Paulo, é algo impensável nos dias de hoje. Também sempre citamos Messi como exemplo nesse quesito, mas nem o menino prodígio do Barcelona integra mais essa lista, afinal o craque anunciou sua saída do clube espanhol. Com 34 anos, multimilionário, mansões, jatinho, iate e um caminhão de títulos, não acredito que Messi seja seduzido pela melhor proposta financeira e sim pela que reúna mais amigos e lhe dê menos dor de cabeça. Pensando assim, o PSG seria mesmo um bom caminho. Entre as ligas que dão visibilidade, a francesa é a mais fácil de todas e adversários duros são apenas o atual campeão Lille e o Olympique, agora com Gerson. Jogaria entre os amigos Neymar, Sergio Ramos, Mbappé e Di María.

Neymar, Di María e Mbappé: o trio à espera de um quarto mosqueteiro

JEAN CATUFFE/GETTY IMAGES

Se a briga de egos não prevalecer, e a França for mesmo a escolha, Messi se divertirá e garantirá uma aposentadoria mais abastada ainda. Com ele, o PSG teria mais chances de ganhar uma Champions? Tenho dúvidas. Temos de ver como seria sua adaptação fora da bolha. Ele está no Barcelona desde criança, é introvertido, assim como Tostão era, e o lado psicológico contaria muito. Na seleção argentina, por exemplo, nunca repetiu suas atuações que encantaram o mundo. Se eu fosse ele, a última coisa que faria seria ir para a França, e olha que amo aquele país! Barcelona é uma cidade maravilhosa e seria lindo encerrar a carreira onde iniciou e construiu sua história.

Não consigo imaginar Messi nos Estados Unidos, Japão, China ou Arábia. Como torcedor, adoraria vê-lo na liga inglesa, de preferência no Manchester City ao lado de Pep Guardiola. Disputar o campeonato mais equilibrado do mundo faria ele tirar o boi da sombra e o levaria, de verdade, para o centro das atenções. Nesse ponto, Cristiano Ronaldo se expôs mais na carreira, pois além da inglesa ainda disputou o campeonato italiano, de marcação duríssima, e saiu-se bem. Cristiano Ronaldo vive se testando, é obcecado por quebrar recordes, superar obstáculos — e o torcedor sai ganhando. Messi não é mais menino, mas ainda não conseguimos enxergá-lo como um líder, aquele cara que bate no peito, pede a bola e diz “dá em mim que eu resolvo”. É da personalidade de cada um, mas para o bem do futebol seria fantástico se Messi optasse pela Premier League, ao provar que ainda tem lenha para queimar. Optar por outras ligas é como sair para pescar com os amigos ou jogar baralho na pracinha, uma espécie de aposentadoria antecipada. ■